

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

JULIANA OLIVEIRA DOS SANTOS

**DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de aprendizagem
das crianças**

**Aracaju – SE
2018**

JULIANA OLIVEIRA DOS SANTOS

DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de aprendizagem das crianças

Monografia apresentada à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

**Aracaju – SE
2018**

JULIANA OLIVEIRA DOS SANTOS

DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de aprendizagem das crianças

Monografia apresentada à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Coordenador do Curso: Prof. Esp. Williams dos Santos

Orientadora: Prof^a. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira

Avaliadora: Prof^a. Mda. Veralúcia Lima de Melo

Avaliação Final: _____

Aprovada em: Aracaju ____ / ____ / ____

Dedico este trabalho a Deus, por ser essencial em minha vida.

E a minha família, por todo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

“Até aqui nos ajudou o senhor (1 Samuel 7:12)”.

Primeiramente, agradeço ao meu Deus pelo dom da vida. Por me fortalecer em meio aos obstáculos, por me dar saúde e fé para superar as dificuldades e por me conceder a graça de mais uma realização. A tão sonhada, chorada e desejada graduação em Pedagogia! A Deus toda Honra, Glória e Louvor!

Aos meus pais Jorge e Rosilene, por todo amor, apoio e incentivo incondicional. Sem vocês isso não seria possível! Serei eternamente grata ao Senhor, por ter me dado pais tão amáveis e dedicados à família. Amo Vocês!

Aos meus irmãos Júnior, Raquel e Rebeca e a minha cunhada Cleane por todo carinho e paciência durante todo o processo de construção da monografia.

Aos meus amigos, pela amizade e companheirismo.

A Faculdade Amadeus juntamente com seu corpo docente pela oportunidade de cursar uma graduação.

A minha orientadora, a Professora Doutora Alberlene Ribeiro de Oliveira, por todo suporte, carinho, dedicação, incentivo e exigências, que me fizeram enfrentar as dificuldades que surgiram no percurso. Foi um privilégio ter sido sua orientanda. Obrigada por tudo!

A Escola Municipal Eduardo Viana dos Santos, com toda sua equipe diretiva, corpo docente e equipe de apoio, por terem viabilizado a execução da pesquisa. Foi um prazer conhecer todos vocês!

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente para concretização desse sonho. Não foi fácil, mas venci! O meu muito obrigada!

“As crianças não são lousas das quais o passado pode ser apagado com uma esponja, e sim seres humanos, que carregam consigo suas experiências anteriores e cujo comportamento presente é profundamente influenciado por tudo o que se passou antes”.

(John Bowlby, 1951/1995)

RESUMO

A temática abordada no presente estudo tem como objetivo investigar os problemas provenientes da desestruturação familiar no desenvolvimento escolar da criança, bem como as vantagens da participação ativa dos pais no contexto escolar dos filhos. Destarte, ao longo desses anos a família é vista e intitulada como a base da sociedade humana com a árdua tarefa de educar os sujeitos de modo a prepará-los para vida. Essa responsabilidade da família vai muito além do que se pode imaginar, visto que, esta tem a capacidade de influenciar e auxiliar para a construção na formação do caráter e da personalidade do indivíduo. É a base inicial no berço familiar que irá transformar os aprendizados, culturas, costumes e crenças dessa instituição em valores intangíveis para seus membros. Partindo deste princípio, a escola surge como uma organização que irá contribuir e fortalecer tais fundamentos transmitidos pela família. Porém, percebe-se que a instituição familiar perpassou por transformações culturais, sociais e econômicas ao longo da sua história. Tais transformações resultaram em um aumento de entraves na aprendizagem de diversas crianças em nossa sociedade. Para atingir o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, acompanhada de dois estudos de caso de natureza descritiva e explicativa, além de pesquisa bibliográfica. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram entrevistas com os sujeitos envolvidos no estudo de caso (equipe pedagógica, responsáveis e os alunos estudados do 2º ano do ensino fundamental), observações e lista de verificação de problemas de aprendizagem. A Escola Municipal Eduardo Viana dos Santos, objeto deste estudo, está localizada na Avenida K, nº 133, no Conjunto Marcos Freire III – segunda etapa em Nossa Senhora do Socorro – SE. Conclui-se que a desestruturação familiar impossibilita ao aluno uma aprendizagem significativa, e que tal aspecto, contribui efetivamente para o surgimento a curto ou a longo prazo de problemas de aprendizagem. Além disso, uma participação ativa da família no processo de escolarização do aluno oportuniza vantagens que estende-se por toda a vida.

Palavras-chave: Aprendizagem Escolar. Desestruturação Familiar. Relação: Família X Escola.

RESUMÉM

La temática abordada en el presente estudio tiene como objetivo investigar los problemas provenientes de la desestructuración familiar en el desarrollo escolar da niños, bien como las ventajas de la participación activa de los padres en el contexto escolar de los hijos. Por lo tanto, al largo de eses años la familia es vista e intitulada como la base de la sociedad humana con la ardua tarea de educar los sujetos de modo a prepararlos para vida. Esa responsabilidad de la familia va mucho allá de lo que se puede imaginar, visto que, esta tiene la capacidad de influenciar y auxiliar para la construcción en la formación del carácter y de la personalidad del individuo. Es la base inicial en el seno familiar que irá transformar los aprendizajes, culturas, costumbres y creencias de esa institución em valores intangibles para sus miembros. Partiendo de este principio, la escuela surge como una organización que irá contribuir y fortalecer tales fundamentos transmitidos por la familia. Pero, percebe-se que la institución familiar perpasó por transformaciones culturales, sociales y económicas al longo de su historia. Tales transformaciones resultaron en un aumento de los entrabes en el aprendizaje de diversos niños en nuestra sociedad. Para atingir el objetivo propuesto, se realizó una búsqueda de cuño cualitativo, acompañada de dos estudios de caso de naturaleza descriptiva y explicativa, allá de búsquedas bibliográfica. Los instrumentos utilizados para la coleta de datos fueron encuestas con los sujetos envueltos en el estudio de caso (equipe pedagógica, responsables y los alumnos estudiados del 2º año de la enseñanza fundamental), observaciones y lista de verificación de problemas de aprendizaje. La “Escola Municipal Eduardo Viana dos Santos”, objeto de este estudio, está sitiada en la “Avenida K, nº 133”, en el “Conjunto Marcos Freire III – segunda etapa em Nossa Senhora do Socorro – SE”. Se concluye que a desestructuración familiar imposibilita al alumno un aprendizaje significativo, y que tal aspecto, contribuye efectivamente para o surgimiento a corto o longo plazo de problemas de aprendizaje. Allá de eso, una participación activa de la familia en el proceso de escolarización del alumno ofrece beneficios que se extiende por toda la vida.

Palabras-clave: Aprendizaje Escolar. Desestructuración Familiar. Relación: Familia X Escuela.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A FAMÍLIA COMO BASE DA SOCIEDADE HUMANA	14
1.1 Contextualização Histórica	14
1.2 O Papel da Família	19
CAPÍTULO 2 – A APRENDIZAGEM NO PROCESSO EDUCATIVO DAS CRIANÇAS	25
2.1 Aprendizagem Escolar	25
2.2 Vantagens da Participação Ativa dos Pais na Aprendizagem Escolar dos Filhos	28
2.3 O Papel da Escola	30
CAPÍTULO 3 – CONSEQUÊNCIAS DA DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS	35
CAPÍTULO 4 – PERCURSO METODOLÓGICO	42
4.1 Opções e Estratégias Metodológicas	42
4.2 Contextualização do Estudo de Caso	43
4.3 O Estudo de Caso	43
4.3.1 Sujeitos da Pesquisa	45
4.3.2 Instrumentais de Pesquisa	45
CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÕES	48
5.1 Estudo de Caso: Família A	48
5.1.1 Histórico Familiar	48
5.1.2 Comportamento da Criança	56
5.1.3 Visão do Pai sobre a Aprendizagem do Filho e a Escola	59
5.1.4 Depoimento o Aluno A	61
5.1.5 Visão da Organização Escolar	63
5.2 Estudo de Caso: Família B	72
5.2.1 Histórico Familiar	72
5.2.2 Comportamento da Criança	75
5.2.3 Visão da Tia sobre a Aprendizagem do sobrinho e a Escola	76
5.2.4 Depoimento o Aluno B	78
5.2.5 Visão da Organização Escolar	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	86

APÊNDICES	89
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista para Equipe Pedagógica da Escola	90
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas para os Professores	91
APÊNDICE C – Roteiro de Entrevistas para os Pais dos Alunos	93
APÊNDICE D – Roteiro de Entrevistas das Crianças	95
ANEXOS	96
ANEXO A - TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	97
ANEXO B - TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido II	99
ANEXO C – Lista de Verificação sobre as Dificuldades de Aprendizagem	101
ANEXO D – Termo de Responsabilidade de Plágio	103

INTRODUÇÃO

O primeiro ambiente em que a criança exercita sua vivência é na família. Sendo assim, o primeiro contato que possibilita a formação psíquica, moral, social e espiritual. Essa relação entre pais e filhos, irá contribuir para a construção e desenvolvimento da personalidade, do caráter e da aprendizagem do sujeito, especialmente nos primeiros anos de vida.

A família é uma das instituições mais antigas que existe. Dessa forma, perpassou por diversas transformações ao longo da sua história. Nas últimas décadas, as transformações do núcleo familiar têm enfrentado diferentes vertentes, como o surgimento dos novos tipos de famílias, sendo uma das mais relevantes transformações.

Um dos fatores resultantes dessa reorganização familiar é a dissolução dos casamentos. O número de divórcios é cada vez mais frequente em nossa Sociedade Contemporânea. Conseqüentemente, esse é um dos motivos que tem aberto consigo certas lacunas, que acabam interferindo na vida e no contexto escolar de diversas crianças.

Neste cenário, é a participação da família no ambiente escolar do aluno que faz a diferença na aprendizagem. Pois, ambas as instituições, são consideradas as principais esferas sociais que oferecem suporte a criança, em todos os aspectos para maturação da sua identidade.

Observa-se que, muitos pais não compreendem que o seu papel para com os seus filhos e a sociedade não se restringe somente ao vestir, alimentar e prover os meios para à sobrevivência. Visto que, não são somente esses aspectos que irão formar um cidadão preparado para vida, mas sim, receber afeto, valores, atenção, cuidado, carinho, apoio e incentivo de pessoas que são do seu ciclo de convivência, ou seja, da sua família.

Atualmente, diversos problemas familiares vêm sendo fatores que, influenciam diretamente na aprendizagem das crianças. Conseqüente, o crescente número de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem nas salas de aula tem aumentado cada vez mais. Segundo Sousa (2012, p. 5) “[...] as dificuldades em aprendizagem não se dão no vazio, e sim em contextos, tanto situacionais, quanto interpessoais. Não podemos falar de dificuldades tendo somente a criança

como ponto de referência: o “contexto” em que a criança se encontra precisa ser considerado”.

Diante do exposto, surgem as seguintes indagações: Até que ponto a estrutura familiar interfere na aprendizagem, e conseqüentemente na vida das crianças? Como é o relacionamento atualmente entre família e escola? Qual o papel dos pais no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos? Quais as conseqüências da falta da participação ativa dos pais na escola? E os benefícios de uma participação ativa? Qual o papel da escola nesse contexto?

Acredito que este tema seja de suma relevância social nos dias atuais, pelo fato de refletir o cotidiano de diversas escolas e famílias, que possuem crianças com algum entrave na aprendizagem. Como já foi dito, a família é o alicerce de todo e qualquer sujeito, quando essa base encontra-se desestruturada, os envolvidos nessa situação podem adquirir conseqüências, para toda a vida.

Nesse contexto, o objetivo geral da presente pesquisa é investigar os problemas provenientes da desestruturação familiar, no desenvolvimento escolar da criança, bem como as vantagens da participação ativa dos pais no contexto escolar de seus filhos.

Com base nesse entendimento, estabeleceram-se os objetivos específicos, que conduziram esta monografia:

- ✓ Mostrar a importância e o papel da família na formação e no desenvolvimento da aprendizagem das crianças;
- ✓ Descrever as principais dificuldades de aprendizagem que atingem as crianças como conseqüência da desordem familiar;
- ✓ Analisar como tem ocorrido atualmente a relação família/escola;
- ✓ Discutir o papel da escola e do professor em relação às dificuldades de aprendizagem, ocasionado pela família.

Para este trabalho, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, acompanhada de dois estudos de caso de natureza descritiva e explicativa, além de pesquisa bibliográfica. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram entrevistas com os sujeitos envolvidos no estudo de caso (equipe pedagógica, responsáveis e os alunos estudados do 2º ano do ensino fundamental), observações e lista de verificação de problemas de aprendizagem. A base da literatura pertinente acerca do objeto de estudo foi fundamentada por autores como: BIRMAN

(2007/2017), CASARIN E RAMOS (2007), CÓRIA-SABINI (1993), CORRÊA E EMER (2010), CORTELLA (2017), CUNHA (2008), DROUET (2006), LIMA (2017), LUDKE E ANDRÉ (1986), SANTANA (2015), PILETTI (2009), PRODANOV e FREITAS (2013), SADOVNIK et al. (2013), SOUSA (2012), TIBA (1996/2012/2006/2014), WEIL (2004), ZANE (2013).

O trabalho de campo foi feito a partir de dois estudos de caso, com duas famílias que possuem contextos diferentes, mas ambas têm algo em comum, a dificuldade de aprendizagem de um dos seus membros (que é mais acentuada em uma das crianças do estudo) por consequência do desajuste familiar. Inclusive, houve entrevistas com professores, direção/coordenação, responsáveis e os alunos do presente estudo. Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal Eduardo Viana dos Santos, situada no Marcos Freire III, em Nossa Senhora do Socorro, com dois alunos do 2º ano do ensino fundamental, no mês de agosto de 2018.

Sabemos que, essa discussão acerca da participação da família no contexto escolar do aluno é abordada e cobrada por professores e gestores de escolas há muito tempo. Pois, é o que contribui para o sucesso escolar do aluno e para sua formação, enquanto sujeito participante da sociedade.

Portanto, esta monografia pretende contribuir para uma reflexão, sobre os procedimentos envolvidos no trabalho pedagógico da escola, com as famílias, e consequentemente com as crianças.

No que diz respeito à forma de apresentação, o trabalho foi estruturado em cinco capítulos, e considerações finais.

O capítulo I versa sobre o tema: A Família como base da Sociedade Humana e está subdividido em duas partes. A primeira apresenta a contextualização histórica e a segunda busca ressaltar o papel da família.

O capítulo II remete-se ao tema: A Aprendizagem no Processo Educativo das Crianças, e está disposto em três tópicos: o primeiro refere-se à aprendizagem escolar; o segundo destaca as vantagens da participação ativa dos pais na aprendizagem dos filhos, e o terceiro faz alusão ao papel da escola.

O capítulo III retrata o tema: Consequências da Desestruturação Familiar no processo de escolarização das crianças.

No capítulo IV delineamos questões concernentes ao percurso metodológico, tais como: opções e estratégias metodológicas, o estudo de caso,

contextualização do estudo de caso, instrumentos de pesquisa e os sujeitos envolvidos no estudo.

O capítulo V, elabora e apresenta uma discussão acerca dos resultados do estudo de caso, abordando os problemas provenientes da desestruturação familiar no desenvolvimento escolar dessas crianças, de acordo com os depoimentos dos familiares, da equipe diretiva e pedagógica da escola.

Na Conclusão, evidenciam-se os resultados e as considerações finais, a respeito da finalidade do estudo, bem como suas principais colaborações e sugestões. Enfim, conclui-se com a apresentação das referências bibliográficas que possibilitou base a este estudo, e os apêndices e anexos que proporcionaram a instrumentalização no contexto da coleta de dados.

CAPÍTULO 1 – A FAMÍLIA COMO BASE DA SOCIEDADE HUMANA

1.1 Contextualização Histórica

Os humanos criam, inventam, descobrem, atualizam e inovam equipamentos. Os equipamentos evoluem. Os próprios humanos aprendem a lidar com os equipamentos. Mas quem lida com os humanos?

IÇAMI TIBA (2014)

Ao longo da história, a família é vista como o alicerce da sociedade, sendo uma das instituições que mais passou por transformações, econômicas, políticas e sociais. Além disso, é considerada a unidade social mais antiga de que o ser humano faz parte.

De acordo com Felippi e Itaquí (2015), tratar sobre a família é “uma tarefa complexa”, pois, cada um de nós fazemos parte de um determinado tipo de instituição familiar. De modo, que nossas ideologias e reflexões sobre esta, inelutavelmente estão marcadas, mesmo que objetivamente por nossa história e por nossas próprias experiências, tanto das nossas famílias de origem, como também as que instituímos.

Segundo Birman (2017), a família passou por fases que contribuíram para sua evolução histórica e social. Assim, o autor caracteriza três estilos de famílias em consonância com o tempo cronológico de cada uma delas: A Família Pré-Moderna (extensa), a Família Moderna (Nuclear ou Burguesa), e a Família Contemporânea.

A família da Fase Pré-Moderna (Séc. XVI ao XVIII) foi intitulada por alguns historiadores como extensa, por se tratar das uniões das várias gerações (filhos, pais, avós e bisavós) no mesmo espaço. Eram estruturadas de forma patriarcal, ou seja, o pai obtia o poder absoluto sobre sua família, a mãe era vista como um objeto de reprodução e as crianças como mini-adultos.

(...) acreditava-se que o raciocínio, os sentimentos e as ações infantis possuíam os mesmos elementos básicos daqueles dos adultos. Essa concepção influenciou o tratamento que a sociedade dispensava às crianças. Elas recebiam cuidados especiais até os sete anos de idade. Depois ingressavam na comunidade dos adultos e desenvolviam as mesmas atividades que eles (CORIA-SABINI, 1993, p. 22).

Já a figura dos avós era de extrema importância, pois eram tratados como os guardiões da memória, transmitindo assim, os valores e as tradições da própria história familiar e social passadas de geração em geração.

Nesse aspecto, a Família da Fase Moderna (Nuclear ou Burguesa - XVIII para o século XIX) “torna-se uma das estruturas de base da sociedade” (FELIPPI E ITAQUI, 2015, p.107). Foi constituída após a Revolução Francesa, que foi um conjunto de acontecimentos que modificou o cenário político da França nos anos de 1789-1799. Atualmente, é considerada uma das maiores Revoluções da história da humanidade.

Através da Revolução Francesa foram abolidas as ideias de tradição e hierarquia da Sociedade Francesa, abrindo espaço para os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Nessa fase, os avós passaram a não habitar o mesmo núcleo familiar, ou seja, o mesmo espaço. Pois a família tornou-se mais reservada.

Por meio de pressupostos políticos e morais foi estabelecida uma tentativa de igualdade de direitos entre os cidadãos, modificando a sociedade e a estrutura das famílias. Um dos aspectos que foram alterados, é que, ser homem e ser mulher já não se enquadrava em uma situação totalmente hierárquica.

Nessa época, ocorre a aprovação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 1789, ocasionando uma tentativa de igualdade de direitos aos cidadãos, isto é, equiparação de direitos entre homens e mulheres. Os questionamentos com relação ao poder patriarcal abrem espaço para que as mulheres comecem sua própria revolução. O movimento feminista se propõe a reivindicar, principalmente, a liberdade sexual, ou seja, o direito da escolha sobre a maternidade e o direito de sentir desejos e prazeres (IBIDEM, 2015, p.108).

A mulher moderna ficou destinada a maternidade, ganhando atribuições que não lhe pertenciam na família pré-moderna. Assim, ela passou a gerir o espaço doméstico, enquanto o homem exercia sua função no espaço público. É nesse cenário que a figura de marido e esposa, se transforma em pai e mãe. A mulher começa então a obter de fato, o instinto em relação ao amor materno. Algo que não havia na fase Pré-Moderna.

De fato, ainda havia certa hierarquia, e as mulheres ainda eram submissas. Porém, ganharam a atribuição de governar o espaço doméstico, e as

crianças receberam um lugar majestoso, devido à concepção de riqueza que surgiu junto a tais transformações da época.

Essa concepção visava que a riqueza de uma nação não se dava somente pela sua extensão territorial, mas pela qualidade de vida da população. Ou seja, uma população qualificada (boas condições de saúde e educação) era a fonte de maior riqueza de uma nação, e isso implicaria um investimento, desde o início da vida. Desse modo, os bebês passaram a ser colocados em condições favoráveis, e como objetos de investimento em torno do qual toda a organização familiar iria girar.

A criança saudável e bem-educada seria a condensação das possibilidades de uma nação qualificada e rica. Nesse contexto, é a mãe quem iria cuidar das crianças, e fazer a mediação entre as instituições: da família, da escola e médica. Nesse período, a revolução médica foi forjada em torno da prole como agente de investimento. Foi a partir daí, que surgiram às áreas específicas como: Pediatria e a Puericultura voltada às crianças; Ginecologia para controlar doenças e Obstetrícia para evitar incidentes durante o parto.

Por conseguinte, a Família da Fase Contemporânea, inicia-se com um grande marco na história, um deles é que a mulher deixou o lugar exclusivo de mãe. Desde a década de 1960, a concepção de família vem transpassando por uma nova e intensa transformação. Um aspecto importante, é que as mulheres passaram a buscar pelo mundo uma nova identidade além de ser mãe, começando assim, a disputar o espaço público em busca de trabalho, e de uma posição na sociedade.

O movimento feminista foi o seu desencadeador, à medida que as mulheres passaram a pleitear em outro lugar e uma outra posição social, pois demandavam a igualdade das condições com os homens. Pretendiam assim dispor das mesmas oportunidades sociais e de reconhecimento simbólico, buscando então se inserir no mercado de trabalho. Este movimento teve a sua condição concreta de possibilidade, no entanto, na invenção de procedimentos anticoncepcionais seguros. Desde então estes procedimentos foram se multiplicando e se aprimorando do ponto de vista técnico, de forma que a reprodução sexual pudesse ser bem controlada, pelas mulheres e pelos homens (BIRMAN, 2007, p. 54).

Logo, houve uma reorganização em todo campo familiar, que trouxe consigo problemas como a dissolução do casamento, deixando-o de ser um contrato marcado pela eternidade. O início dessa dissolução ocorreu ainda na fase da Família Moderna, com o direito ao divórcio no ano de 1884.

A partir deste cenário, houve aumento no número de famílias monoparentais (quando um dos pais arca com a responsabilidade de cuidar da criança, ou seja, o outro não vive no mesmo lar), outro aspecto é quando homens e mulheres passaram a se casar novamente e os filhos dos casamentos anteriores passaram a conviver, com diferentes maneiras de autoridade, devido à existência dos padrastos e madrastas.

Este foi um dos acontecimentos que acarretou em uma reorganização no âmbito familiar, que conseqüentemente afetou muitas crianças. Desde então, revelaram-se mais fragilizadas e, por conseguinte, adultos mais vulneráveis. Nesse período surgiu uma espécie de tirania infantil, que é sustentada da culpa que os pais sentiam por não oferecerem tempo, e a atenção que eles acreditam que seus filhos merecem.

Todavia, foi na família Contemporânea que houve o resgate da figura do idoso (avós e bisavós), algo que na fase moderna não havia, pois, os idosos eram condenados a uma espécie de morte social. Ademais, esses aspectos contribuíram para que surgissem novas organizações familiares.

Na contemporaneidade novos modelos de família reconfiguram-se. Neles, as fronteiras de identidade entre os dois gêneros (feminino e masculino) são um pouco mais fluidas e permeáveis: a mulher conquistando espaço no mercado de trabalho, atuando também como chefe de família, o homem podendo também cuidar do lar. Há mãe e pais solteiros, uniões homoafetivas com e sem filhos, adoções, produção independente, bebê de proveta (FELIPPI E ITAQUI, 2015, p.111).

A família no decorrer dos anos obteve várias conceitualizações de acordo com as suas transformações. Veremos abaixo alguns destes:

Nos dicionários comuns, a palavra família refere-se a: 1. grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. o pai, a mãe e os filhos); 2. grupo de pessoas com ancestralidade comum; 3. pessoas ligadas por casamento, filiação ou adoção.

Contudo, perante a etimologia, a palavra família origina-se do latim, e se refere ao famulus, que constitui o servidor, escravo ou doméstico. Surgiu na Roma Antiga para nomear grupos sociais que apareceram entre tribos latinas, na época da legalização da escravidão.

O surgimento da palavra família se deu na Roma Antiga, conhecida em latim como “famulus”, que significava “o conjunto de empregados de um senhor”, isso era atribuído pelo fato de que a exploração dos escravos já era legalizada, ou seja, o termo família não pertencia somente ao casal e conseqüentemente a seus filhos, mas sim aos vários escravos que laboravam para a subsistência de seus parentes que se sentiam sob autoridade sobre eles (SANTANA, 2015, p. 6).

Atualmente, o conceito de família tornou-se mais abrangente, sendo possível encontrarmos várias definições para caracterizá-la. Conforme Lima (2017, p. 12):

O conceito de família pode ser definido segundo diversos aspectos: como agência socializadora, cujas funções concentram-se na formação e personalidade do indivíduo; como agência de reprodução ideológica, responsável por formar as bases normativas e de valores; como instituição natural, com funções biológicas e reprodutivas; como unidade doméstica, responsável por assegurar as condições materiais necessárias para a sobrevivência do indivíduo; e como instituição responsável pelo processo de criação e fortalecimento dos vínculos afetivos e emocionais dos seus integrantes.

Dessa forma, a unidade familiar abrange esferas mais complexas do que se pode imaginar. Desde o nascimento, a família se torna responsável não só de prover a sobrevivência do indivíduo, mas também por estabelecer bases sólidas de valores intangíveis, capazes de subsidiar a formação da personalidade e do caráter. Logo, é a família que ajuda no desenvolvimento individual e coletivo do sujeito. Segundo Zane (2013, p. 13):

Família é o conjunto de pessoas que possuem grau de parentesco entre si e vivem na mesma casa formando um lar. Uma família tradicional é normalmente formada pelo pai e mãe, unidos por matrimônio ou união de fato, e por um ou mais filhos, compondo uma família nuclear ou elementar.

Neste mesmo sentido, à Constituição Federal de 1988, ressalta outra temática abordada no que diz respeito à questão do núcleo familiar. No seu artigo 226 discorre que “a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado” (BRASIL, 2015). Enfatizando ainda:

(§ 1º) O casamento é civil e gratuita a celebração.

(§ 2º) O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

(§ 3º) Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

(§ 4º) Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

(§ 5º) Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

(§ 6º) O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio.

(§ 7º) Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas.

(§ 8º) O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

Consoante com a Constituição acima, podemos observar que houve uma extensão no conceito de família, abrindo espaço para novos modelos. De acordo com Santana (2015, p. 8), “outro tipo de família que também foge da tradicional é a homoafetiva que é construída com intuito de constituir família baseada no laço afetivo e na liberdade da sexualidade”. Anteriormente era considerada uma instituição familiar, quando era apenas proveniente do casamento, mas atualmente as famílias monoparentais, e de uniões estáveis também se caracterizam instituições familiares reconhecidas.

1.2 O Papel da Família

Apesar das diversas transformações enfrentadas pela família no decorrer dos anos, não modifica e nem se anula sua importância como o núcleo mais importante na formação e no desenvolvimento humano.

A influência do lar como hábitat da criança e da família, assim como a influência do meio social mais amplo, é muito grande, principalmente na primeira infância e na adolescência. Estas são as

fases críticas do desenvolvimento do ser humano, que sempre requerem um maior cuidado e atenção (DROUET, 2006, p. 207).

De acordo com Lima (2017, p. 29), a família possui uma estrutura funcional, onde a mesma é considerada não só como instituição que exerce “três funções sociais (procriação, criação e socialização), mas sim, uma entidade com características culturais e sociais para o desenvolvimento do companheirismo, do amor e da personalidade humana”. Partindo dessa concepção, a autora apresenta as três funções básicas da família de acordo com a conjuntura funcional, que são: a biológica, a social e a psicológica.

A função biológica ou reprodutiva refere-se ao processo natural, que pertence ao ciclo da vida de todo ser humano, e a construção dos vínculos familiares. A função social diz respeito à aquisição de aptidões e características que irão subsidiar a interação com o meio.

Nesse contexto, a mesma acrescenta que a família também tem a função de incentivar a socialização humana desde a infância. “A socialização pode ser entendida como um processo interativo, imprescindível para o desenvolvimento, através do qual o indivíduo atende a sua necessidade, assimila a cultura e desenvolve e perpetua a sociedade” (IBIDEM, p. 30).

Por fim, a função psicológica concerne “na formação e efetivação do equilíbrio mental, desenvolvimento afetivo e a segurança emocional dos seus membros” (IBIDEM, p. 31). A afetividade desempenha um papel primordial nesse processo de construção dos laços afetivos familiares. Desde quando a criança é recém-nascida já é dependente da atenção, do afeto, do cuidado e até mesmo dos limites que os pais devem lhe proporcionar. É necessário que estes, conscientizem-se quanto às responsabilidades dos seus papéis na sociedade.

A primeira função psíquica da família é garantir o alimento afetivo, indispensável à sobrevivência emocional dos recém-nascidos, e igualmente necessário para a manutenção da homeostase psíquica dos demais membros da família. (...) como função psicológica da família, oferecer um ambiente adequado para a aprendizagem empírica, que delimita o processo cognitivo do ser humano (LIMA, 2017, p. 31).

Nos anos iniciais da vida dos seres humanos, a influência do meio é primordial. São anos cruciais para a formação e desenvolvimento afetivo e cognitivo

de um futuro cidadão. Por este fato, a família constitui-se com o papel mais relevante para essa formação. De acordo com Zane (2013, p. 15):

O ambiente familiar proporciona na criança o desenvolvimento de sua personalidade, o meio em que ela cresce, atua, desenvolve e permite a mesma expor seus sentimentos, experimentar as primeiras recompensas e punições sofrendo influência em decorrência da forma em que é tratada. (...) O aparelho psíquico corresponde ao desenvolvimento integral do ser humano, das suas formas mais elaboradas de pensamento, que podem ser potencializadas a partir da inserção do indivíduo no ambiente familiar.

Desse modo, devido à convivência familiar, percebe-se que os filhos frequentemente são o reflexo das atitudes dos pais, por isso, é comum às crianças desde a infância imitarem as ações dos adultos, e em relação aos pais essa prática é ainda mais consolidada no decorrer dos anos.

Segundo Tiba (1996, p.176), “o objetivo da criança é ser como as pessoas que tanto admira. Os pais funcionam como modelos a ser “incorporados”. (...) E sem que os pais se dêem conta, absorvem seus gestos corporais e suas posturas psicológicas”. Visto que, são as pessoas que normalmente a criança tem mais contato devido ao convívio familiar. Nesse contexto, Sousa (2012, p. 5) adverte que “a primeira vivência do ser humano acontece em família, independentemente de sua vontade ou da constituição desta. (...) Portanto, a família é o primeiro espaço para a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança”.

A partir deste pressuposto, no que se refere ao dever e as responsabilidades pertencentes à família, torna-se necessário ressaltarmos o que diz a Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 10 de Novembro de 1937) em seu artigo 125, onde salienta que:

A educação integral da prole é o primeiro dever e o direito natural dos pais. O Estado não será estranho a esse dever, colaborando, de maneira principal ou subsidiária, para facilitar a sua execução ou suprir as deficiências e lacunas da educação particular (BRASIL, 1937).

Partindo deste princípio, a Constituição Federal de 1988, no seu artigo 227 dispõe que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Destarte, em seu artigo 229 acrescenta que “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade”.

Como vimos, a família têm responsabilidades que ultrapassam a de alimentar e vestir, é necessário mais do que isso, ela deve garantir educação, e uma vida de qualidade, com o cumprimento dos direitos básicos que uma criança necessita para sua sobrevivência e desenvolvimento.

Dessa forma, Casarin e Ramos (2007) destacam que “a família é indispensável”, pois, é através dela que são adquiridos os primeiros saberes, que são amadurecidos e efetivados através da socialização humana. Além disso, é a mesma que oportuniza o meio onde ocorre a construção e consolidação dos laços afetivos e das necessidades individuais de cada sujeito, bem como a garantia de sustento e abrigo.

Sob o mesmo ponto de vista, em relação à transmissão dos valores, é conveniente afirmar que “os pais que oferecem aos filhos educação, respeito e afeição, estabelecem uma troca com os filhos de serem respeitados” (CORRÊA E EMER, 2010, p. 4).

Percebe-se que nos dias atuais, muitos pais tem se descuidado do seu papel como sujeitos responsáveis pela formação humana. Uma vez que, há crianças cada vez mais “donas de si”. Conforme Tiba (1996, p. 15) “(...) cada vez que os pais aceitam uma contrariedade, um desrespeito, uma quebra de limites, estão fazendo com que seus filhos não compreendam e rompam o limite natural para seu comportamento em família e em sociedade”.

Antigamente os pais exerciam sua autoridade com mais frequência e responsabilidade. Por exemplo, os pais diziam: você vai vestir isso, você vai comer aquilo, vamos sair, sente-se aqui, faça o dever de casa. Ou seja, eram afirmações. Nos dias atuais, o que ouvimos é: Você quer comer o quê? , O que você vai vestir? , Onde você vai sentar? , Quer sair? , Quer assistir o quê? , Quer fazer o dever

agora? , são indagações. Isso permite a criança “certa” autonomia que ainda não lhe convém, principalmente nos anos iniciais. A faixa etária nem sempre condiz com a liberdade que os pais podem oferecer.

[...] o caminho mais prudente para os pais é o de colocar os seus filhos diante das suas próprias responsabilidades e de mostrar-lhes por todos os meios ao seu alcance todos os aspectos em jogo; ajudá-los a pensar por si mesmos, a pesar os “prós e contras” de cada tomada de decisão, a descobrir as alternativas que existem e as suas respectivas consequências; consiste, na realidade, em prepará-los para usar da sua liberdade (WEIL, 2004, p. 85).

Contudo, é primordial que essa liberdade seja acompanhada da autoridade. A questão, não é os pais exercerem o autoritarismo, mas sim exercerem sua autoridade como pais, impondo disciplina, limites e responsabilidades, fazendo com que a criança cresça sabendo lidar com as situações da vida.

A disciplina é necessária para não deixar a vida solta. A disciplina organiza o estudo, o lazer, o trabalho e as demais atividades. (...) A criança e o jovem precisam entender que existem limites, e que esses limites são fronteiras, não barreiras. Fronteira é o indicativo de até onde se pode ir. Barreira é aquilo que impede o avanço (CORTELLA, 2017, p. 20).

Em contrapartida, observa-se que quantos pais sentem receio ao falar NÃO para o filho? Segundo Sousa (2012, p. 8):

O não de hoje com certeza fará um adulto forte no futuro. Aprender a receber um não ensinará a criança que a vida nem sempre lhe dirá um sim, evitando frustrações. Aprender a receber um não é aprender a dizê-lo também. A criança que aprende a receber um não também o dirá às drogas, ao álcool, ao sexo prematuro; dirá não aos pequenos furtos, à desonestidade, à falta de respeito, à mentira. Dirá não a tudo que tentar substituir os pais.

Como já foi mencionada, a liberdade no tempo e na medida exata trará benefícios ao futuro da criança. No entanto, tal atitude dos pais em ofertar uma liberdade “desacerbada” pode ser de fato o reflexo do abandono, descuido ou até mesmo uma forma, de tentarem suprir sua ausência no dia a dia dos filhos. Constata-se que cada vez mais, os pais estão “sem tempo” para a família, devido à rotina desgastante de trabalho e a obrigação de cumprir com as despesas, alguns pais tem abdicado do prazer que é acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos

nos diferentes contextos da vida, principalmente o escolar. “Os pais precisam eleger qual é a prioridade. (...) a palavra “prioridade” é sempre no singular. Se o casal tem filhos, fez a escolha. Então é preciso cuidar, e isso toma tempo, demanda reeleger a prioridade” (CORTELLA, 2017, p. 26).

Esse distanciamento da convivência familiar pode ocasionar influências nem sempre positivas à formação da criança e, conseqüentemente, interferir no seu processo de ensino/aprendizagem.

CAPÍTULO 2 – A APRENDIZAGEM NO PROCESSO EDUCATIVO DAS CRIANÇAS

2.1 Aprendizagem Escolar

Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.

PAULO FREIRE (1983)

A aprendizagem é inerente ao ser humano a partir do seu nascimento. Desde então, demonstramos com facilidade o que sabemos fazer e o que podemos aprender. Tal qual Tiba (2012, p.129), “a grande vantagem de o ser humano nascer sem saber nada é que pode aprender tudo”.

A palavra aprendizagem origina-se “da raiz latina apreender, que significa aproximar-se para tomar posse de algo, ou ainda, apropriar-se de algo” (ALEXANDRE, 2010, p. 55). Sendo assim, a aprendizagem a começar dos primeiros anos de vida ocorre de maneira espontânea, seja ao tocar, ao olhar, ao ouvir, ao brincar, e ao sentir. Isto é, adquirimos através de tudo que fazemos.

Cada indivíduo aprende de maneira e em tempos diferenciados. Diante disso, os conhecimentos que obtemos são modificados, visto que cada prática nos acrescenta novos saberes. Esse processo de modificação do comportamento se dá através de fatores sociais, culturais, emocionais, ambientais, dentre outros. Ou seja, as informações apreendidas anteriormente unidas aos novos saberes, permitem uma mudança de comportamento. Alterando assim, a maneira de agir e de pensar do sujeito.

Por exemplo: uma criança pequena, acostumada ver a mãe cozinhando, resolve (em um momento de distração da mãe) mexer na panela, e ao fazer isso, ela se queima. Normalmente, ela não terá tal atitude novamente. Pois, a queimadura permitiu a ela um novo conhecimento, por sua vez, negativo!

Aprendizagem é, em geral, definida como sendo o processo de integração e de adaptação do ser humano no seu ambiente. (...) a aprendizagem mais eficiente se faz através da experiência pessoal, isto é, da atividade; se aprende melhor fazendo do que ouvindo (WEIL, 2004, p. 100).

Por essa razão, o conhecimento é um processo que se reformula constantemente, e que passa por adaptações para cumprir com as condições do meio. Essa adaptação ocorre por intermédio de processos complementares que Piaget (2007) caracteriza como assimilação de esquemas e acomodação desses esquemas que são contidos em novas estruturas mentais até chegar a equilíbrio.

Pela assimilação incorporamos o mundo exterior, pessoas e coisas, às estruturas que já temos; pela acomodação reajustamos nossas estruturas – ou criamos novas – de acordo com as exigências do mundo exterior. (...) se você conhece a fórmula para resolver um problema de matemática, ele será facilmente resolvido e assimilado; caso você não conheça a fórmula, você precisará estudar, adquirir novos conhecimentos, que permitirão sua acomodação ao problema, para resolvê-lo (PILETTI, 2009, p. 209).

Em resumo, a equilíbrio é o maior processo, formado pelos dois subprocessos: a assimilação que reconhece o que é familiar, e acomodação que é a modificação dos conhecimentos prévios. Para Cunha (2008, p. 63), “o equilíbrio a que o indivíduo chega com os objetos que o cercam nunca é definitivo, uma vez que o mundo está sempre em mudança, lembra Piaget”. Ou seja, essa equilíbrio apesar de ser provisória, retrata o conhecimento, que a partir das novas situações onde o sujeito é mais uma vez desafiado, termina resultando em contínuas assimilações e acomodações, isto é, mais conhecimento e assim sucessivamente.

Partindo deste princípio do conhecimento, constata-se que a aprendizagem no âmbito escolar também não ocorre de maneira isolada, pois, parte da interação que possibilita a troca de informações com o grupo onde a criança/aluno está inserida.

Ao ingressar na Escola e ficar submetida ao processo de escolarização, a criança traz consigo conhecimentos prévios que apesar de empíricos lhe darão suporte ao surgir novos saberes, possibilitando a adaptação citada por Piaget (2007). Destarte, a família entra nesse contexto como forma de auxiliar a escola no decorrer deste processo. Já que, é na família que ocorrem as primeiras manifestações de aprendizagem, mesmo que não sejam sistematizadas e formais. Assim, quando se refere à aprendizagem escolar, é necessário considerar os fatores influenciadores que podem ajudar ou interferir na aprendizagem dos alunos.

Com a participação ativa dos pais ou responsáveis, é possível construir uma forma eficaz para o aprendizado, que atenda aos anseios da sociedade e às necessidades das crianças, (...) A família é capaz de despertar o interesse e a curiosidade dos filhos e incentivar a sua aprendizagem. É a partir de atitudes simples que esse envolvimento se concretiza, como: valorizar as tarefas escolares, estimular o gosto pela leitura e pelo aprendizado em geral, como também incentivar as crianças a serem curiosas na vida fora da escola (SADOVNIK et al. 2013, p. 87).

Isto nos leva a observar que, para o aluno obter de fato uma aprendizagem significativa, faz-se necessário o incentivo da família e da escola. Quando a criança sente-se acolhida e amada em seu lar, ela entende que não está sozinha. O afeto e a atenção da família nos anos iniciais, são primordiais para uma aprendizagem efetiva.

No entanto, torna-se claro que muitos sujeitos aprendentes, devido a algumas questões inerentes a vulnerabilidades socioeconômicas e psicossociais de suas famílias, acabam por não desenvolverem uma aprendizagem significativa, o que colabora com o baixo desempenho escolar (LIMA, 2017, p. 56).

Ao aprender algo novo a criança conta com diversos fatores, para que esse aprendizado seja acomodado da maneira apropriada. Qualquer desajuste em um desses fatores, já será suficiente para que ocorra uma intervenção capaz de prejudicá-la na sua vida escolar.

A escola e o professor por sua vez, podem incentivar esse prazer em aprender nas crianças que enfrentam algum entrave na aprendizagem. Tal ação deverá visar primeiramente, o aumento da autoestima dessas crianças. Em seguida, proporcionar atividades práticas que envolvam o cotidiano destas, levando em consideração não o “fazer por fazer”, mas o fazer que possibilite novos conhecimentos decorrentes da prática, através das correlações estabelecidas entre os conhecimentos prévios e os novos saberes. Nesse contexto, conclui-se que “o verdadeiro saber é aquele que aparece no cotidiano a qualquer momento, de maneira dinâmica, aumentando a eficiência de nossas ações e o prazer de viver” (TIBA, 1996, p.122).

Em vista disso, é a relação família x escola que fará toda a diferença nesse processo de aquisição dos novos saberes. E isso, torna-se mais acessível, quando os pais possuem presença ativa na vida escolar dos filhos/alunos.

2.2 Vantagens da Participação Ativa dos Pais na Aprendizagem Escolar dos Filhos

As vantagens que a participação ativa dos pais, possibilita ao aluno são diversas. Visto que, toda criança se sente mais motivada ao perceber que a família acompanha seu processo escolar. Para tanto, os pais precisam entender que, a família deve ser uma unidade de convivência participativa, que demanda prioridades e responsabilidades por parte dos adultos para com as crianças.

Uma família não é uma instituição democrática, é uma instituição participativa. A organização democrática tem o pressuposto da igualdade de direitos e, portanto, também da igualdade de responsabilidades. Numa família, a responsabilidade dos adultos sobre aqueles que educam não é idêntica (CORTELLA, 2017, p. 80).

Nesse mesmo sentido, o ambiente em que a criança está inserida é de extrema importância para o seu desenvolvimento, nesse processo de escolarização, em razão de facilitar essa fase de aceitação do novo, de lidar com as dificuldades, com o erro e com os conflitos que possam surgir. Dessa maneira, é necessário que os pais criem hábitos de estudar com seus filhos. Não lhes dizendo o que fazer durante a tarefa, mas como forma de apoio e incentivo, conduzindo e auxiliando no processo educacional construído pela escola.

Diante do exposto, se faz necessário salientar os contextos legais que dão ênfase e asseguram as atribuições da escola e da família em relação às crianças e sua educação. De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, dispõe que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Portanto, o dever da família em relação ao processo de escolarização e desenvolvimento da criança é reconhecido pelo sistema citado anteriormente. Além disso, é reconhecido também pela LEI Nº 8.069, (DE 13 DE JULHO DE 1990) onde dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Em seu artigo 3º, certifica que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990).

No artigo 4º, assegura que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Contudo, ainda no artigo 22, incumbe aos pais “[...] o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais”. Assim como, no artigo 55, “Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”. Tendo em vista as especificidades, a educação é um direito de todos os cidadãos. É dever da família, do estado e da escola assegurar esse direito para toda a sociedade.

Percebe-se que, a maioria dos casos onde há alunos com maior rendimento escolar, são os que obtêm constantemente a presença ativa dos pais. Em contrapartida, os alunos que apresentam fracasso escolar e problemas de indisciplina, são os que não têm pais participativos. Levando a criança a chamar de diversas formas a atenção de quem está a sua volta, como modo de refletir sua vivência familiar, dentro dos muros da escola. Assim, um lar desfavorável, sem as mínimas condições de estabilidade em todos os aspectos, podem causar sentimentos negativos ao educando.

Os sentimentos que os pais têm em relação à criança, durante os anos anteriores à escola, são de fundamental importância para o desenvolvimento posterior da criança e para sua aprendizagem escolar. Esses sentimentos contribuem para que a criança desenvolva o conceito de si própria (o autoconceito), o conceito do mundo e de seu lugar no mundo. E já vimos que o autoconceito é a base de toda a aprendizagem: se a criança se julga capaz de aprender, aprenderá muito mais do que a criança que acha que é incapaz (PILETTI, 2009, p. 275).

Em vista disso, percebe-se que as vantagens da presença da esfera familiar são essenciais, por promover efeitos positivos a vida do aluno. Segundo Tiba (2012, p. 191) “em ambientes em que o estudo tem valor, a cultura é privilegiada, os pais valorizam o aprendizado, compram livros e revistas interessantes e leem jornal, é raro a criança não querer estudar”. Abaixo, estão descritas algumas das principais vantagens da participação ativa da família, de acordo com o contexto educacional. A criança apresenta ser/ter:

- ✓ Amável com si mesma, com os outros, com a vida;
- ✓ Autoconfiante, segura, apoiada, motivada, amada;
- ✓ Comunicativa, estabelecendo interações com os demais colegas;
- ✓ Aprimoramento em sua aprendizagem constantemente;
- ✓ Melhor rendimento em sala de aula;
- ✓ Diminuição de prováveis problemas de indisciplina;
- ✓ Autônoma e responsável;

Convém considerar que, o professor ao notar comportamentos controversos a estes citados (não são vantagens fixas, pois dependem de aluno para aluno, os efeitos, portanto, são flexíveis), deve imediatamente compreender o que está acontecendo com o aluno e comunicar a direção e a coordenação pedagógica. É necessário analisar e investigar todo o contexto que pode estar influenciando tais atitudes. Logo, devem-se verificar as causas antes de tomar qualquer atitude para tentar solucionar a situação.

2.3 O Papel da Escola

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LEI 9394/96) dispõe todas as particularidades do Sistema Educacional de Ensino. Apresentando assim, aspectos como seus recursos financeiros, princípios gerais da educação escolar, as finalidades e as diretrizes para a carreira dos profissionais do setor. Em relação ao contexto família e escola, a LDB define no artigo 1º que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições

de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 2005).

Relatando ainda em seu artigo 2º, que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2005).

Diante disso, podemos perceber que os deveres pertencentes à família e a escola são citados de uma maneira conjunta. Ou seja, não há uma instituição mais importante que a outra, pois, ambas se completam e devem se relacionar entre si. Assim, a educação familiar deve subsidiar a escolarização que é exercida através da escola.

Costumo sempre lembrar que a função da escola é a escolarização: o ensino, a socialização, a construção de cidadania, a experiência científica e a responsabilidade social. Mas é a família que faz a educação. A escolarização é apenas uma parte do processo de educar, não a sua totalidade (CORTELLA, 2017, p. 51).

Constantemente, nos deparamos com crianças na sala de aula que apresentam entraves na aprendizagem por diferentes fatores. Por vezes, quando solicitada à presença dos pais ou responsáveis, podem ocasionar duas situações: a família ignora a solicitação do professor e não aparece na escola, ou, aparece na escola, porém não demonstra interesse na vida escolar da criança. Infelizmente, para alguns pais não faz diferença se o filho aprende ou não aprende. Sendo esta uma das tristes realidades do cenário educacional em nosso país.

Antigamente, era comum o fato dos pais educarem seus filhos em relação aos conceitos básicos que uma criança necessita aprender no seio familiar, tais como: valores, tradições e cultura do grupo onde ela está inserida. Atualmente foi delegada a escola atribuições que anteriormente eram de responsabilidade da família. Pois, compreende-se que o papel da escola é concentrado em formar o sujeito para a cidadania e para o trabalho através das práticas educativas. De acordo com Sousa (2012, p. 18) explicita que:

É relevante que a sociedade dê subsídios à escola e que esta tenha o total apoio e participação da família do educando. As transformações que estão ocorrendo dentro dos valores da família e da sociedade fazem com que a escola perca o controle sobre a maneira adequada que se deve educar, sendo que muitos fatores estão influenciando na educação, e fazendo com que o trabalho da escola torne-se mais complexo ainda e a sociedade passando-lhe atribuições que antes eram de competência familiar.

Esse ato de transferir para a escola a educação que cada criança deveria receber no lar, é um critério bastante discutido pelas escolas e professores na sociedade atual. Geralmente são alunos que os pais por motivos variados não obtém mais o domínio das atitudes e comportamentos dos seus filhos, ou até mesmo mudanças significativas que ocorrem no contexto familiar, ocasionando uma desestruturação capaz de interferir na vida e na aprendizagem da criança. Deixando assim, a carga da escola a difícil tarefa de “educar”. Em contrapartida, a escola por sua vez encontra-se cada vez mais sobrecarregada com tal situação, por vezes não “dando conta” de dois aspectos: o de educar, e o de escolarizar.

O papel da escola é promover a socialização, oportunizar circunstâncias para formar sujeitos críticos, ativos, preparados para o trabalho e para cidadania. É possibilitar ao aluno a partir das vivências educacionais os conhecimentos científicos, que irão lhe permitir uma formação moral, social, cultural, afetiva e cognitiva para o resto da vida. Contudo, o trabalho da escola não será bem-sucedido sem a presença ativa da família.

Se pararmos para analisar, um professor fica em média 4 horas diárias em classes com aproximadamente de 25 a 30 alunos (se for em rede pública, esse quantitativo pode aumentar conforme a região da escola). Já os pais, passam cerca de 20 horas diárias com seus filhos, e nos finais de semana e feriados, ficam em tempo integral. Ou seja, não se compara o tempo de atuação do professor (escola) com o dos pais. Por este motivo, a educação transmitida pela esfera familiar se faz totalmente necessária para a efetivação de uma escolarização de qualidade.

Sob este ponto de vista, é que a escola e família devem ser aliadas, de modo a contribuir e evitar situações que dificultem o desenvolvimento do aluno em todos os âmbitos que uma criança está contida. Consonante a tal ponto, Weil (2004, p.154) relata que “sem a colaboração ativa da família, a escola fracassará na sua missão”. Outrora, as famílias e a escola tinham uma relação mais harmoniosa e respeitosa. Pois, o que a escola e os professores afirmavam se tornava lei para os

pais, e esse aspecto dava a escola mais segurança e autonomia na tomada de decisões. Assim, as crianças sentiam que de fato estavam sendo acompanhadas, isto é, a autoridade era exercida por ambas as partes e de forma coesa e coerente.

Por outro lado, nos dias atuais, algumas famílias acabam desmistificando o que a escola faz e vice-versa. Não há muitas vezes uma boa comunicação, de ambas às partes, para caminharem rumo ao único objetivo, que é a boa formação da criança. Atualmente, para alguns pais a lei é o que os filhos falam, e não mais o que a escola tem a dizer. Agem por impulso sem nem pensar nas consequências futuras que tais atitudes podem acarretar.

[...] dependendo da forma que os pais agem eles podem colaborar ou derrubar os objetivos da escola. Em sã consciência, nenhum pai saudável age visando a ser um empecilho ao bom resultado escolar. Ocorre que às vezes, inconscientemente, pensando estar agindo da melhor forma, pode-se, de fato, estar causando problemas ao filho. As formas mais comuns são: superproteção dos pais; acreditar no filho sem que antes ouça alguém da escola; interferir nos problemas normais da vida e convivência do aluno com a escola sem deixar que o aluno lute por seus direitos; os pais ficam muito mobilizados emocionalmente quando seus filhos contam algo. É bem verdade que todos nós desejamos um mundo melhor para nossos filhos, mas precisamos começar dando, nós próprios, o exemplo. Isso só se faz na prática, exercendo a cidadania, regulando nossa vida e nossas atitudes perante as regras que exigimos que os outros utilizem (SOUSA, 2012, p.16).

Para tanto, a escola ainda assim, continua desempenhando o seu papel na tentativa de conseguir trazer os pais para perto do contexto escolar dos seus filhos. O professor assim, se torna um importante mediador desse processo, por ser o indivíduo que convive com a criança diariamente, na sala de aula que o professor escuta as histórias, as vivências e observa a maneira particular de cada aluno. Quando o professor adquire a confiança e o respeito da criança, ela pode compartilhar aspectos importantes da sua vida.

Assim, é no processo de escuta que o professor poderá criar condições para que se efetive processos legitimamente interlocutivos. Como Geraldi (2003, p.161), acreditamos que “[...] a não escuta é na verdade uma não devolução da palavra; é a negação do direito de proferir. A não escuta do professor ou seu mutismo empurrariam a ambos, crianças e professor, a monologia” (GERALDI, 2003, p. 161, apud COSTA, 2012, p.15).

Neste interim, há crianças de todos os tipos, desde as mais extrovertidas as mais introvertidas, das mais caladas as mais comunicativas, as hiperativas, ou agitadas, as agressivas, as com dificuldade em concentrarem-se, as que têm dificuldade em acompanhar as atividades, as que possuem problemas em socializar e interagir com os colegas, as que são dispersas ou apáticas, as indisciplinadas e as que têm um comportamento exemplar. Para tal contexto Sousa (2012, p.10) alerta que “psicopedagogos recomendam que professores devem estar atentos a mudança de comportamento do aluno, já que suas dificuldades podem vir à tona de diversas maneiras”. Bem como, Cunha (2008, p. 30) enfatiza que “o professor não constrói a personalidade de seu aluno. Ele pode, sim, agir de modo a não agravar certas tendências do caráter de seu educando”.

Como vimos, tais aspectos relatados merecem mais atenção do professor. Por este fato, é notável quando o aluno está enfrentando algum tipo de problema familiar, principalmente quando este apresentava um ótimo rendimento, ou seja, fazia as atividades, interagia nas aulas e com os colegas, e porventura acaba mudando seu comportamento sem motivo aparente, tornando seu rendimento escolar abaixo do normal.

Portanto, ao perceber tais circunstâncias, o professor juntamente com a escola deve comunicar aos pais, para que eles saibam que suas atitudes ou a falta delas, podem afetar diretamente na aprendizagem e na vida dos seus filhos. Pois, certos efeitos necessariamente não são imediatos, podendo surgir futuramente, mas que podem causar impactos relevantes que podem perdurar até a fase adulta. Mediante a desordem familiar, a escola se torna o principal recurso para o equilíbrio dos obstáculos, cumprindo seu papel na sociedade.

O papel a ser exercido pela escola e pelos pais, em se tratando de uma sociedade que passa por mudanças constantes, é a busca de novas formas e caminhos para alcançar êxito na formação de valores, pois muitos dos valores considerados essenciais pela humanidade estão sendo abalados, por isso a importância de um lugar em que os filhos e estudantes possam sentir seguros e confiantes no seu próprio potencial e a escola pode ser este ambiente quando estiver bem estruturado e apoiado pela família (SOUSA, 2012, p.14).

Fortalecer as bases da sociedade que é família x escola não é uma tarefa fácil, porém não é impossível. Quando a escola e a própria família, são conscientes quanto ao seu papel social.

CAPÍTULO 3 – CONSEQUÊNCIAS DA DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Nós temos hoje urgências e turbulências na questão da família. E algumas dessas urgências não podem ser adiadas. Precisamos nos lembrar de que, em muitas situações, é melhor agir cedo antes que seja tarde.

MARIO SERGIO CORTELLA (2017)

Atualmente, nota-se que muitos pais não conhecem ou não reconhecem que os efeitos dos seus comportamentos podem interferir diretamente e indiretamente na vida dos seus filhos. Esquecendo-se que a família desempenha um importante papel perante a sociedade e que possui além de direitos, deveres com a formação do ser humano. Todavia, a tarefa de educar em primeiro lugar é da família, e em segundo lugar do poder público, através da oferta do ensino e do exercício de outras ações, para garantir os direitos e deveres de todo cidadão, principalmente das crianças.

Desde o nascimento, as crianças incorporam e refletem os comportamentos, padrões, valores éticos e morais do grupo onde esta inserida. Para que a mesma possa desenvolver-se de maneira saudável, é necessário um ambiente familiar que possibilite segurança, afeto, amor, estabilidade emocional e financeira, além de compreensão para que a criança sinta-se confiante diante das adversidades. Logo, conforme Casarin e Ramos (2007, p. 4) “a falta, ou escassez, de relações familiares adequadas, devido ao pouco tempo de convívio, ou desajustamentos pessoais, provoca a carência das funções materna e paterna, fragiliza os laços amorosos”.

Quando a família, porventura não cumpre o seu papel na sociedade, ela traz consigo inúmeros problemas e consequências que podem prosseguir durante a vida toda dos membros do seu grupo, principalmente as crianças. É nesse contexto, que o papel dos pais, é de extremo valor, na construção do desenvolvimento dos seus filhos. De acordo com Weil (2004, p. 45):

Por muito tempo se pensou que as pessoas “nasciam” ciumentas, autoritárias, sociáveis, tímidas, ou introvertidas. É verdade que existem, [...] certas predisposições ou tendências fisiológicas e hereditárias, as quais influem na formação da nossa personalidade. No entanto, a educação que recebemos modifica ou reforça o nosso temperamento. O papel dos pais é bem importante. [...] Recentes pesquisas de Psicanálise e de Psicologia Social colocaram em destaque o fato de a conduta dos filhos na escola e em casa ser, em grande parte, uma reação ao comportamento dos pais para com os filhos. Isto é a tal ponto verdadeiro, que se constatou que a maioria dos problemas de comportamento, tais como a ausência de atenção, brutalidade ou instabilidade, são causados pela conduta e pelas atitudes dos pais. Já é lugar-comum a afirmação de que há mais “pais problemas” do que “filhos problemas”.

Assim, notamos que sempre há um contexto a ser investigado. É necessário buscar as causas que estão contribuindo para o surgimento desses eventuais comportamentos.

Devido ao crescente número de famílias desestruturadas em diversos aspectos. Podemos caracterizar uma desestruturação familiar, situações como, por exemplo: divórcios, famílias monoparentais, brigas constantes entre os pais, questões financeiras, disciplina severa, abandono afetivo dos pais, indiferença e/ou rejeição, pais com algum tipo de vício, dentre outros. São particularidades que podem favorecer e influenciar na maioria dos casos, sérias implicações na aprendizagem e na vida das crianças.

Um dos aspectos mais preocupantes, resultante da família contemporânea, é a dissolução dos casamentos. Nas últimas décadas houve um alarmante número de divórcios e um declínio significativo no número de casamentos.

No ano passado, foram registrados 1.095.535 casamentos no País – quase 42 mil matrimônios a menos que os registrados em 2015. Por outro lado, as separações totalizaram 344.526 em 2016 em 1ª instância ou por escrituras extrajudiciais. Significa um aumento de 4,7% frente aos 328.960 divórcios registrados em 2015. [...] Considerando os mais de 344 mil divórcios no ano passado, “em média o homem se divorcia mais velho que a mulher. O homem tem em média 43 anos enquanto a mulher enquanto a mulher, 40 anos de idade na data do divórcio”. O instituto apontou que o tempo médio entre a data do casamento e o divórcio é de 15 anos (BRASIL, 2017, S/D).

Diante disso, as separações no Brasil no presente momento, obtêm uma posição relevante em relação aos anos anteriores. No entanto, a separação entre os casais se torna ainda mais difícil, e dolorosa quando envolve filhos.

Entretanto, apesar de ambos sofrerem muito com essa ruptura, é a criança que mais sente os efeitos de uma separação conjugal. O casamento é o laço que protege os filhos. Então, se o laço se rompe, os filhos na maioria dos casos são acometidos com diversos problemas.

Dessa forma, a criança pode enfrentar sérias implicações na sua vida e na sua aprendizagem em detrimento da reorganização familiar. De acordo com Casarin e Ramos (2007, p. 8) “[...] é comum que nesse período o (a) filho (a) precise mostrar seu desagrado, mesmo que isto seja involuntário, expondo-o por meio de bloqueios e retrações escolares, o que abala os pais”.

Mesmo se pais e parentes forem cooperativos e derem um total apoio à criança, ainda assim o trauma do divórcio afetará seu desempenho na escola. Os filhos de pais divorciados geralmente diminuem seu aproveitamento escolar. A falta de estrutura em casa e as preocupações com a insegurança financeira resultam em uma instabilidade emocional que leva a problemas em sala de aula. Estes fatores, acrescidos do *stress* emocional dos pais, dificultam para a criança manter seus pensamentos voltados para a escola (SOUSA, 2012, p. 10).

Todavia, há separações que são amigáveis, diminuindo assim as chances de sofrimento e implicações na vida da criança. Apesar disso, ainda se torna uma experiência forte e traumática, não só na infância, mas também no decorrer da sua existência. Nesse contexto, é importante que os pais conversem com seus filhos, explicando os motivos da separação. Pois, algumas crianças sentem-se culpadas pelo fim do casamento dos pais. Esse ato não irá mudar ou transformar a situação, mas pode amenizar os efeitos negativos que porventura possam surgir.

Felizmente, em alguns casos, mesmo separados os pais permanecem ativos na vida de seus filhos, através da guarda compartilhada. O que possibilita de certa forma, uma convivência familiar. Isso nos leva a observar por outro lado, que com as separações conjugais, surgem as famílias monoparentais, abrindo espaços para padrasto e madrasta, em que alguns casos ambos ou uma das partes já possuem filhos do relacionamento anterior. Levando a criança a se acostumar ou não, com pessoas antes desconhecidas e sem ligação afetiva.

Se a convivência não for muito bem esclarecida, os filhos tirarão proveito da situação, favorecendo comportamentos folgados. Por exemplo, se a esposa do pai estabelecer algo que o enteado não aceita, o primeiro argumento utilizado para desautorizá-la é: “Você não é minha mãe”. Na situação inversa, esse torpedo pode ser dirigido ao padrasto (TIBA, 1996, p. 77).

Convém destacar mais uma situação bastante atual, que são as brigas constantes dos pais e que os filhos por diversas vezes terminam presenciando. Normalmente, são por motivos simples de serem resolvidos somente entre o casal, mas que por falta de cautela, essa desarmonia acaba transparecendo para criança. Uma das causas frequentes é um dos pais desautorizar a ordem que o outro havia dado na frente da criança. Ambos devem evitar criticar um ao outro na frente dos filhos. Os efeitos de tais eventos aparecem ao longo dos anos.

De acordo com Weil (2004, p.185), “a desarmonia entre os pais tem repercussões tremendas na alma dos filhos; deve-se evitar discussão em presença das crianças, não só pelo mau exemplo dado como também por outros motivos”. O autor ainda recomenda que “em todos os casos é indispensável evitar que a criança presencie cenas, devendo-se progressivamente adaptá-la à realidade, a fim de que aceite o fato como sendo “uma coisa que acontece”, sem prejuízo do seu desenvolvimento futuro” (IBIDEM, p.185).

Também é possível inferir que as questões financeiras da família torna-se um elemento importante a ser discutido. Verifica-se que o Brasil possui em sua maioria uma população que pertence às classes dos que possuem rendimentos muito baixos. Trata-se de diversas famílias que enfrentam dificuldades financeiras, onde a realidade de muitas crianças em consequência de tal situação é o abandono escolar, por vezes trabalhando para ganhar o pouco dinheiro para ajudar nas obrigações do lar.

Infelizmente, é um ciclo que ainda se repete, mas que possuem muitas exceções também. Além disso, tal aspecto pode influenciar na vida escolar das crianças principalmente quando a situação da família é crítica, em relação à alimentação e a moradias precárias. Pois, muitas crianças vão à escola sem se alimentar direito, nesses casos, em sua maioria, vão à escola justamente pelo o lanche que é ofertado. Fato que, prejudica na disposição e atenção para os estudos. Tal qual Piletti (2009, p. 302), enfatiza que:

As precárias condições de alimentação e moradia da população são consequência direta das desigualdades sociais e da ausência dos poderes públicos nessas comunidades. (...) As consequências naturais são a morte prematura; a fraqueza do organismo e as inúmeras doenças daí decorrentes; o atraso no desenvolvimento físico e mental; a baixa produtividade no trabalho; etc.

Por conseguinte, observa-se que além de condições financeiras, o que falta em muitos pais, são as condições afetivas. A disciplina severa ou demasiadamente exigente entra neste cenário, como aspecto que pode contribuir para problemas como complexo de inferioridade. Algumas crianças que possuem pais assim, geralmente tem medo de serem castigadas, e por este fato, costumam obedecer “ao pé da letra”, são pais, que normalmente não admitem falhas.

A rigidez dos adultos é outro fator que preocupa. O sujeito em desenvolvimento, tratando-se de uma criança ou adolescente, quando ameaçado retira-se para o mundo da fantasia e não tem maturidade para lidar com esse tipo de situação. Nesse momento, o sistema está abalado e o grupo incapaz de reconhecer seus conflitos (CASARIN e RAMOS, 2007, p.11).

Em consonância com esta temática, o autor Weil (2004, p. 51) enfatiza que “a rebeldia contra tal regime aparece sobretudo na idade da adolescência”. Isto é, são consequências que surgem a longo prazo, e que podem prosseguir com o indivíduo por toda a vida. Tal constatação aproxima-se do abandono afetivo dos pais. Como já discutido no primeiro capítulo, a afetividade ofertada pelo âmbito familiar traz consigo muitos benefícios ao desenvolvimento do ser humano. Em contrapartida, “os transtornos físicos, psicológicos e sociais apresentados por crianças e adolescentes negligenciados são provenientes da incapacidade dos pais proporcionarem a seus filhos afeto, reconhecimento, valorização, socialização, direitos e um pleno desenvolvimento” (FALEIROS, 2006, p.70 apud LIMA, 2017, p. 36).

A legislação que garante a convivência familiar à criança e ao adolescente, mas poucos até hoje se arriscaram a reivindicá-la nos tribunais, talvez por entenderem que é algo que não tem volta, que o afeto, o carinho, a atenção negada não podem ser exigido dos pais e, que dinheiro nenhum supre as consequências deste abandono (CORREA E EMER, 2010, p. 6).

Dentro desta ótica, surge outra forma de abandono dissimulada. Sobre este assunto, Cortella (2017, p. 32) destaca que “na tentativa de compensar o tempo

que passam distantes, muitos pais e mães cobrem os filhos de presentes, estabelecendo uma economia das trocas simbólicas”. A esse respeito, vale ressaltar que bens materiais nenhum irá suprir a presença dos pais na vida de uma criança. A carência nas relações familiares leva a mesma a sentir-se abandonada e desvalorizada, além de ficar a mercê de situações de vulnerabilidade, muitas vezes expostas e sem supervisão adequada, tanto em casa quanto na rua.

Outro aspecto apontado é a indiferença e/ou rejeição. Sabemos que um dos suprimentos psicológicos indispensáveis para o crescimento equilibrado de todo ser humano, é o afeto, a atenção, o amor e o carinho que é dado pela família. Nesse âmbito, Weil (2004, p. 48) afirma:

As crianças rejeitadas procuram carinho fora do lar. São em geral, angustiadas e ávidas em atrair a atenção dos professores e dos colegas sobre elas. São eternos insatisfeitos e muitas vezes instáveis; quando adultos, podem passar a exigir demasiado carinho por parte do cônjuge e provocar assim desajustamentos conjugais bem sérios.

Essa fator por parte de alguns pais, podem surgir acompanhadas da brutalidade. Podemos contatar que ainda há crianças que, apanham de forma brutal dos que deveriam protegê-la. Alguns dos pais ou responsáveis utilizam instrumentos inacreditáveis para intimidar e bater em seus filhos, não levando em consideração os efeitos de tais ações. Os efeitos mais comuns é a criança agir da mesma forma, batendo nos colegas da escola, sem se importar com as consequências, ou até mesmo ser bastante retraída por sentir medo de qualquer adulto, seja familiar ou não.

Diante de tal situação, manifesta-se outra ainda mais preocupante, que são pais com algum tipo de vício. Esse tipo de desajuste familiar é catastrófico, atinge não só o usuário, mas também todos que estão a sua volta. Nas salas de aula principalmente, é comum os professores ouvirem os relatos de alunos referentes a este fato. Os mais comuns são “meu pai bebeu muito e bateu na minha mãe e na gente (referindo a si próprio e aos irmãos)” ou “meu pai está preso mesmo, to nem aí”. São crianças que chegam à escola e expõem tudo que veem em casa.

Dessa forma e sob tal complexidade, Tiba (2014, p. 276) adverte que “o uso continuado da substancia leva a danos muito difíceis de ser recuperados e a outros que são definitivos”. Torna-se impossível estes adventos não interferirem na vida e

na aprendizagem dessas crianças, que chegam à escola desanimadas, sem uma formação eficiente do seu autoconceito, com baixa autoestima, sentindo-se incapazes, e com medo devido a tudo que são expostas na esfera familiar, lugar este, que era para trazer paz, harmonia, felicidade. Outro aspecto que se deve levar em consideração, são as predisposições da criança ao presenciar e partilhar tais situações extremas.

Todos estes fatores descritos influenciam diretamente na formação e no desenvolvimento global da criança. São situações que ocasionam o fracasso escolar, indisciplina, agressividade, transtornos psiquiátricos e psicológicos, problemas ou dificuldades físicas, cognitivas, afetivas e de aprendizagem como: falta de atenção, pouca concentração, isolamento, dentre outros.

Combater estes impactos construídos a longo prazo pela família é uma incumbência que foi transportada à escola. Nota-se que, em uma minoria dos casos essas repercussões são minimizadas quando aluno inicia sua escolarização, devido à atenção, carinho e compreensão que estes encontram no professor, mas são danos que nunca serão reparados em sua totalidade.

CAPÍTULO 4 – PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Opções e Estratégias Metodológicas

A pesquisa foi de cunho qualitativo, por se tratar de um método de investigação científica que busca estudar as particularidades de maneira profunda e subjetiva, tendo em vista o objeto que será analisado. Dessa forma, a finalidade não é com base em resultados provenientes de dados quantitativos, mas sim, através da compreensão dos fenômenos a serem estudados.

A pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão (MORAES, 2003, p. 191).

Partindo deste princípio, o estudo será de natureza aplicada, do ponto de vista descritivo e explicativo. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 52), é considerado descritivo “quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Todavia, a pesquisa explicativa conforme Gil (2008, p. 28):

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.

Portanto, a pesquisa explicativa é um aprofundamento da descritiva. Pois, os fenômenos estão além de identificados, detalhados e descritos, estão explicando os motivos que perfaz todo o processo da investigação com base em teóricos, a fim de relacionar a teoria com a prática para o desenvolvimento da pesquisa.

4.2 Contextualização do Estudo

A presente pesquisa trata da Desestruturação Familiar: implicações no processo de aprendizagem das crianças, e foi realizada na Escola Municipal Eduardo Viana dos Santos, situada no Marcos Freire III em Nossa Senhora do Socorro-Se, com dois alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental Menor.

A finalidade deste trabalho é contribuir para uma reflexão sobre os procedimentos envolvidos no trabalho pedagógico da escola, com as famílias e conseqüentemente com as crianças, de modo a promover efeitos, como a compreensão de que uma participação efetiva da família no contexto escolar da criança favorece o desenvolvimento da sua aprendizagem.

4.3 O Estudo de Caso

Neste trabalho, houve a realização de dois estudos de casos com duas crianças que apresentam comportamentos e aprendizagens diferenciadas. Ambos são do sexo masculino, possuem 7 anos de idade, frequentam a mesma escola e a mesma sala de aula, são alunos que cursam o 2º ano do Ensino Fundamental Menor.

O estudo de caso é o estudo de *um* caso, seja ele simples e específico, (...) O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. (...) O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 17).

Nesse aspecto “é um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.60). Assim, o estudo de caso além de obter a descrição dos dados, é flexível e com foco na realidade do indivíduo de uma maneira mais abrangente e contextualizada.

A escolha partiu do interesse em alcançar informações de alunos que apresentem alguma dificuldade de aprendizagem decorrente da desestruturação familiar. Em conversa com a professora da referida instituição da realização da pesquisa, decidimos também utilizar como estudo de caso um dos alunos dessa mesma sala de aula que apresenta um desenvolvimento satisfatório em relação ao demais. Ou seja, uma das crianças apresenta uma desestruturação familiar acentuada, que dificulta seu processo de aprendizagem, já a outra criança não apresenta essa desestruturação. Porém, seu contexto familiar anteriormente, interfere em sua vida, principalmente no seu comportamento.

Atualmente, o cenário para a segunda criança mudou com o surgimento de um novo ciclo de convivência familiar, modificando assim, seu processo de aprendizagem e seu aspecto comportamental.

As entrevistas foram realizadas com as famílias escolhidas para realização do estudo de caso, de modo, a entender o desajuste familiar e a implicação que causou nas crianças, principalmente em relação à aprendizagem. Nessa etapa, foi feita a entrevista também com a professora dos meninos, onde a mesma respondeu a uma lista de verificação (ANEXO C), analisando dessa forma as dificuldades de aprendizagem referente a cada um deles, não de maneira diagnóstica, mas com base no que ela presenciou durante os seis meses que esteve com eles. Ademais, observamos como cada aluno porta-se em sala de aula, observando aspectos como: comportamento, interação com os colegas e a professora, e autonomia para desenvolver as atividades propostas.

As entrevistas foram realizadas de maneira individual e todas elas ocorreram no espaço da escola, no horário escolhido por ambas as partes, assim, foram gravadas e em seguida, transcritas, viabilizando o entendimento e a organização das informações descritas pelas pessoas envolvidas no processo. Faz-se necessário salientar que todos os relatos estão descritos da maneira com que cada sujeito respondeu aos questionamentos, tal fato explica, a ausência de ortografia correta, concordância verbal e nominal, dentre outros aspectos gramaticais.

4.3.1 Sujeitos da Pesquisa

Para o presente estudo, foram entrevistamos os sujeitos sociais envolvidos nos dois estudos de caso, tais como: equipe diretiva da escola (Diretora, Coordenadora Pedagógica, Professora Titular e a Professora Assistente de Alfabetização), na primeira família: o pai e a criança, na segunda família: a tia e a criança.

✓ **Diretora** – Sexo feminino, 49 anos, formação em Letras Português – Inglês / Pós-Graduação em Arte Educação e Especialização em Gestão Escolar, atua na área da educação há 31 anos, trabalha nesta função há 8 anos e nesta escola há 31 anos.

✓ **Coordenadora Pedagógica** – Sexo feminino, 47 anos, formação em Pedagogia e Pós-Graduação em Libras, atua na área da educação há 25 anos, trabalha nesta função e nesta escola há 2 anos.

✓ **Professora Titular da época** – Sexo feminino, 22 anos, formação: cursando Pedagogia (estagiária).

✓ **Professora Assistente de Alfabetização** – Sexo feminino, 52 anos, formação em Pedagogia, atua na área de educação há 36 anos, trabalha nesta escola há 5 meses.

✓ **Pai (Família A)** – Sexo masculino, 38 anos, trabalha com reciclagem.

✓ **Criança (Família A)** – Sexo masculino, 7 anos, cursando o 2º Ano.

✓ **Tia (Família B)** – Sexo feminino, 45 anos, dona de casa.

✓ **Criança (Família B)** – Sexo masculino, 7 anos, cursando o 2º Ano.

4.3.2 Instrumentais de pesquisa

O procedimento utilizado foi o estudo de caso, com o uso de entrevistas, observações e lista de verificação das dificuldades de aprendizagem (ANEXO C).

A entrevista ocorreu de maneira semi-estruturada, por propiciar mais espontaneidade e flexibilidade. Isto é, há de fato um roteiro elaborado anteriormente, porém, necessariamente não se faz necessário seguir a ordem estabelecida, e o pesquisador pode reformular e acrescentar perguntas para o entrevistado se for conveniente para pesquisa.

[...] a entrevista semi-estruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações. Parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas mais livres, menos estruturados. As informações que se quer obter, e os informantes que se quer contatar, em geral professores, diretores, orientadores, alunos e pais, são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 34).

As observações com os alunos especificamente do estudo de caso ocorreram após o retorno das aulas, no período de 08/08 a 17/08, já com a presença da nova professora da turma. O depoimento dela não se fez necessário, pelo fato do pouco tempo com a turma (apenas uma semana) e com os meninos do presente estudo. Porém, a entrevista foi realizada com a professora anterior da turma.

Foram observadas as particularidades de cada caso, e do contexto geral da escola em relação aos alunos que possuem esses entraves na aprendizagem. Logo, um dos benefícios da observação como técnica de coleta de dados consiste em que esta é:

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. (...) O principal inconveniente da observação está em que a presença do pesquisador pode provocar alterações no comportamento dos observados, destruindo a espontaneidade dos mesmos e produzindo resultados pouco confiáveis. As pessoas, de modo geral, ao se sentirem observadas, tendem a ocultar seu comportamento, pois temem ameaças à sua privacidade (GIL, 2008, p.100).

Portanto, as observações dos alunos que compõem este estudo viabilizaram os dados obtidos através da própria família, bem como os dados da equipe da escola. Comparando as situações e as falas e compreendendo as situações vivenciadas por cada um deles.

Além disso, foi imprescindível a utilização da pesquisa bibliográfica com base em materiais elaborados a partir de livros, revistas eletrônicas, artigos científicos, monografias e dissertações. Os referenciais teóricos que irão sustentar a investigação, a exemplo de: BIRMAN (2007/2017), CASARIN E RAMOS (2007),

CÓRIA-SABINI (1993), CORRÊA E EMER (2010), CORTELLA (2017), CUNHA (2008), DROUET (2006), GIL (2008), LIMA (2017), LUDKE E ANDRÉ (1986), OLIVEIRA E SANTANA (2015), PILETTI (2009), PRODANOV e FREITAS (2013), SADOVNIK et al. (2013), SOUSA (2012), TIBA (1996/2012/2006/2014), WEIL (2004), ZANE (2013). Portanto, a correlação entre a teoria e a prática de maneira integrada e complementar, possibilita a compreensão dos conhecimentos obtidos acerca dos fenômenos estudados.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, será abordado de maneira detalhada através do estudo de caso, o histórico familiar e de aprendizagem das crianças. Como já foi mencionada, a escolha dos alunos foi realizada em conjunto com a professora. A mesma salientou que no quesito aprendizagem os dois são bem diferentes. Um deles é considerado o que mais possui dificuldades de aprendizagem, e o outro é tido como o melhor da classe. Apesar de que, a turma a qual ambos estão inseridos, é classificada como a turma do 2º Ano com mais alunos com dificuldades de aprendizagem da escola, sendo que esta, possui três turmas do 2º Ano.

Para cada estudo de caso abaixo (intitulados como Família A e Família B), foram utilizados os seguintes tópicos: Histórico Familiar; Comportamento da criança; Visão do responsável sobre a aprendizagem da criança e a escola; Depoimento dos Alunos A e B e Visão da Equipe Escolar (Professora titular/Professora auxiliar, Coordenadora Pedagógica e Diretora).

Ressalvo que a professora titular na época da coleta de dados, já havia saído da turma. Ou seja, as crianças estavam sem aula durante a coleta de dados.

Em relação à professora auxiliar, lhe foi questionado em relação à aprendizagem e comportamento também, pois a própria atua na área da leitura e escrita de maneira individual, ou em subgrupos (a depender da necessidade específica de cada aluno), com alunos do ciclo de alfabetização, ou seja, alunos do 1º e 2º ano.

No decorrer da entrevista, os sujeitos descreveram todas as informações que tinham ciência a respeito de cada caso. Assim, cada relato está coerente ao que nos foi informado. Contudo, informações referente às famílias, como: o nome, endereço e dados pessoais, não constam neste estudo. Pois, em comum acordo com ambos, tais dados serão mantidos em sigilo absoluto, preservando assim, a identidade dos envolvidos.

5.1 Estudo de Caso: FAMÍLIA A

5.1.1 Histórico Familiar

A família do primeiro estudo de caso é composta por: pai (38 anos), mãe (25 anos), duas filhas (de 5 e 2 anos) e dois filhos (de 7 e 10 anos). Os pais são de

classe baixa. A mãe é dona de casa e o pai está desempregado, por isso, atualmente trabalha recolhendo materiais recicláveis e buscando sempre algo a mais para fazer, como vender frutas para complementar à renda da família. A criança que será analisada no quesito aprendizagem e comportamento decorrente desse núcleo familiar, será o menino de 7 anos que o chamaremos de Aluno A, e que está cursando o 2º Ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da rede municipal.

Para entendermos o que levou os entraves de aprendizagem dessa criança, bem como seu comportamento acentuado em sala de aula, faz-se necessário analisarmos com a atenção o contexto familiar que o mesmo está inserido.

Início este relato com o seguinte depoimento do pai, que foi um dos sujeitos entrevistados deste caso.

“Eu era dependente de drogas, eu usava todo tipo de droga que tinha nessa face da terra, eu usava. Então, no devido da caminhada minha mulher tava gestante, nós era de periferia de favela. Então durante esse período muitas coisas acontecia. Porque favela, muitos vai, muitos forma ela, poucos fica até o fim. Entendeu? Porque rola de tudo. Então, devido o que ela veio passando foi criando um transtorno na mente dela. Então tudo que passa na gravidez da mulher passa pra criança. Então, dela ver homicídio, dela ver muitas veze a polícia invadi lá dentro do barraco, invadi muitas casa e muitas coisas ali dentro, isso mexeu com os neurônios da criança. Então ele (ALUNO A) nasceu problemático. As meninas são calmas. Ele (ALUNO A) é por causa do período da vida que eu vivi antes. Eu usava muita droga! O mais velho (10 anos) nasceu muito nervoso, ele não tem sono durante a noite, ele não dorme! Ele (ALUNO A) é danado, esse é mais expressivo pra agoniado. Ele (ALUNO A) é mais é violento, agressivo esse. O mais velho (10 anos) é agressivo, mas quando ele quer fazer uma coisa que a gente não deixa. Quando a gente pede pra fazer 2, 3 vezes as coisas, que ele ver que ali pra ele tá incomodando. Então ele se estressa e já não se torna o mesmo menino, e se for insistir, é pior!”

Para Zane (2013, p.16) “quando a família não desempenha um bom relacionamento e não tem uma boa estrutura afetiva, pode conduzir para comportamentos que expressam a violência e o conflito entre seus componentes”. Ou seja, nota-se que a atitude do pai frente a estas situações, é consentir com a

vontade da criança, para que o mesmo “melhore” seu comportamento no dado momento.

Logo após, o pai expôs toda sua história de vida durante a entrevista. Ele nos informou que sempre foi dependente de drogas até meados do ano passado (2017). E que tal fato, continua refletindo em sua família até hoje. Conforme o depoimento acima, podemos perceber o histórico familiar conturbado em que essa família encontra-se atualmente.

Segundo o mesmo, eles moravam em uma favela, onde passaram cerca de 4 a 5 anos pagando aluguel com o dinheiro que eles recebiam do auxílio moradia da cidade que eles viviam anteriormente. Porém, o local estava ficando muito perigoso.

A LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e de outras providências, ressalva em seu artigo 3º que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990).

De acordo com o pai (2018), *“eu sempre digo, quem mora em periferia sempre tem uma resenha com um e com outro. Então, pra que a gente tenha um compromisso com a vida e olhar que a gente temo que manter essa vida em segurança nós tem que sair do local. Então eu via o lado dos meus filho, o lado da minha esposa, então não adiantava eu insistir naquele lugar, então preferi vim pro lado de cá de Socorro. Então como vim pra cá, conheci um homem de Deus, que é o pastor. Deus encaminhou ele pra minha vida e perguntou se eu queria sair daquele lugar. Se eu queria outra mudança, outro rumo de viver. Então eu disse quero. Porque logo quando eu cheguei mataram dois na mesma rua. Então o próximo seria eu. Devido porque eu era de favela, então quando você já é discriminado pela sua falta de entendimento, por a sua classe social, então a visão do mundo é só discriminação. Então pedi a ele que queria mudar. Naquele mesmo momento ele pegou o carro dele, me deslocou pra uma casa de aluguel, eu sai daquele lugar.*

Então vim entender que ainda é uma esperança. Por eu ver meus filhos crescer e ver uma esperança da vida melhorar um dia. Não o que eu passei eles passasse”.

Mediante tal acontecimento, o pai informou que a família saiu daquele local onde eles moravam por um determinado tempo. Além de informar ainda mais detalhes do tempo em que passou na favela.

“A gravidez de nenhum deles foi planejada. Minha esposa nunca bebeu e nem fumou droga, mas a gravidez não foi tranquila. Era muita droga, muita morte. A gravidez de todos eles. Eu de tudo botava na minha casa, ela via a situação. Não faz mal só pra quem consome, faz mal também quem ta do lado. E a pedra do crack... o cheiro dela deixa qualquer um na adrenalina, imagine você dentro de uma casa dormindo com uma criança dano de mamar e ta seu esposo com 3, 4 pessoas fumando essa desgraça, dentro de uma casa, dentro de um ambiente fechado, como que não vai atacar sua mente, como não vai atacar a mente daquela criança? E olhe que eu chegava ao ponto de invadir igreja, tomar o dinheiro dela e voltar pra fumar pedra, e olhe que eu chegava agredir ela, fazia de tudo pra usar essa droga. Teve momento que eu roubava muito pra consumir essa droga. E ninguém podia fazer nada, porque pra ver alguém fazer, eu tinha que querer. Muitos prometia, mas nada fazia” (PAI,2018).

Constata-se que, quando estava sob o efeito de drogas e de bebida alcoólica, o pai ficava totalmente descontrolado. Mencionando que não ouvia ninguém, e não ligava para as suas atitudes, achando que só seria raiva passageira. Desta forma, acabava agredindo a esposa na frente dos filhos, acrescentando também que sempre bateu muito nas crianças, principalmente nos meninos. Consoante com Tiba (2014, p. 298):

O usuário não contabiliza os seus prejuízos, pois, está com sua percepção quimicamente alterada para avaliar seus valores, tanto tangíveis quanto intangíveis (...) ele é aquele que anda na contramão e acha que todos os carros que vêm em sua direção estão errados...

Conforme o pai (2018), *“nós não tinha um alimento, não tinha uma manutenção, porque pagava o aluguel com um auxílio moradia. Mas só que não tava dando conta dos meus filhos, manter assim, um lanche, um remédio não tinha, então eu tive uma recaída e voltei pras drogas de novo. Então como nada servia, eu voltava pra tudo que era antes. Dos meus conhecidos que eu tinha tem poucos vivos*

tanto da lá como daqui também. Todos antes de morrer passaram lá em casa e os meninos sentem saudades. Mas eu uso como exemplo para eles, mostrando que eu consegui sair antes que fizessem isso comigo. Eu tinha eles como parente porque dormia, comia, bebia na minha casa. E eu dava conselho, mas muitos não quiseram conselho. Morreram quase todos”.

Atualmente a família continua a passar por dificuldades, a começar pelo local em que eles moram, além da falta de alimento na maioria das vezes. A família não tem uma renda fixa, impossibilitando uma instabilidade financeira adequada para a realização do cumprimento dos direitos básicos tais como: moradia, alimentação e saúde. Para Piletti (2009, p. 302) “as precárias condições de alimentação e moradia da população são consequências direta das desigualdades sociais e da ausência dos poderes públicos nessas comunidades”. Isto é, são inúmeras famílias que são abandonadas constantemente pelos poderes públicos, que vivem sem acompanhamento algum para que ocorram melhorias de vida, apoio este, que ajudaria no cumprimento dos direitos e das necessidades da população.

Quem mora em sua casa? – *“Eu, minha esposa e meus quatro filhos. Mas é que nem diz, não é uma casa não, é um vão. Porque casa é quando tem banheiro, quando tem sala dividida e tudo, quando tem piso. Mas não se trata disso, é simplesmente um barraco, não é barraco de taipa, mas é um barraco. Entendeu? É telha de ternite, é calorento demais, e pinga, não vou mentir. E até a creche já chamou a atenção da gente, que é pra gente fazer um banheiro. Mas, que nem diz, como é que a gente vai fazer um banheiro se a gente não temos renda financeira? Só temos um auxílio moradia que foi cortado porque devido à gente vivia na favela. Foi cortado porque descobriu que a gente não mora mais na favela, a gente mora agora em Socorro. Invadir outro chão, lá o rapaz perguntou a mim se eu teria coragem de invadir um chão pra poder sair do aluguel porque realmente o pessoal tava me expulsando da casa, pediu a chave e ia arrumar outros parentes pra me tirar a força dentro da casa deles. Então vi aperriado e segurei esse terreno. Ai invadi esse terreno que era o único da rua, final de rua, aonde era o local que jogavam todos os cachorro morto, onde jogava de tudo, porque era uma lixeira. Então como era uma lixeira, como eu tava com pressa, eu fui e não tirei tudo que tinha. Tô arrumando aos pouco, lá tem muito rato, tem até um vídeo ai que a gente come e os rato come junto com a gente. Muito rato e gabiru. As crianças já se acostumou e não tem mais medo” (PAI,2018).*

A maior parte da comunidade que moram nos entornos da escola onde estuda o Aluno A, vive em situações precárias como estas citadas pelo pai. Geralmente são famílias que vivem em casas de um cômodo ou até mesmo barracos improvisados, como é o caso do Aluno A. Sem o mínimo de conforto e de necessidades básicas contempladas por Lei, vivendo assim, exposto de perigos por todos os lados.

Os efeitos dessa situação aparecerão de forma dramática quando a criança entrar para a escola, onde seu desempenho vai ser confrontado com o de outras crianças, que vivem em condições mais favoráveis. No entanto, se essa mesma criança for avaliada em seu ambiente natural, seu desempenho certamente será muito superior ao que ela apresenta na escola, um ambiente que, se não lhe é hostil, no mínimo lhe é estranho (PILETTI, 2009, p.303).

Lamentavelmente, as crianças se habituem tanto com o ambiente em que vivem, que ao se deparar com situações extremas como a dos ratos, sua reação ocorre de maneira inesperada. Sem ter uma mínima noção dos riscos que tal circunstância podem lhe oferecer. Ou seja, a criança passa a se identificar e fazer parte daquele ambiente, apresentando assim, conhecimentos acerca de sua vivência e comunidade. Mesmo que de maneira preocupante e informal.

Assim como, o pai (2018) acrescenta ainda que *“nem todos convive no meio dessas praga, porque é uma praga, rato tanto faz medo o pelo dele, como faz medo a fezes dele, como faz medo a urina dele, como faz medo a mordida dele. Então eu convivo no ninho deles mais meus filho. Mas graças a Deus até aqui nós no foi afetado. O rato uma vez entrou na boca da minha mulher, porque minha mulher tem mania de dormir de boca aberta, todos eles dormem de boca aberta. Então ela puxou o rato da boca dela sem ela morder e jogou em cima da cama do meu filho... o cachorro lá, pegou um rato e por ele pegar e apertar o rato, o sangue topou nos lábios do cachorro, e o cachorro morreu. Começou a mijar sangue em três dias o cachorro morreu, por causa do sangue do rato”*.

Ao citar fatos que ocorreram antes dele abandonar o mundo das drogas, o pai (2018) relembrou que *“eu usava todo tipo de droga, até um tempo desse que eu morava aí, ele (Aluno A) sabia todo tipo de arma, todo tipo de bala, minha casa era cheia de vagabundo, cheia de má elemento. Então eu achava que aquela população ali, aquela ruma de marginalidade ali era minha família. Então era tudo*

ilusão. Onde eu vi, que eu me acordei, que ali eu não tava tendo sossego, vida digna, educação para meus filho, eu não tinha alimento pra dar ao meus filho. Então, teve momento de eu dar comida dos cachorro pra meus filho comer, então dos vizinho da comida pros meus bicho comer eu dava era ao meus filho. Então foi onde eu parei para me raciocinar e dizer o que é que eu to fazendo da vida?”

Apesar de todo o processo que a família passou e continua passando, houve um progresso significativo na vida deles. Que é o fato do pai ter deixado de ser um usuário de drogas. Foi necessário um “choque de realidade” para que ocorresse a mudança de comportamento e de atitudes do pai.

Para Tiba (2014, p. 298) “quando um usuário começar a contabilizar os prejuízos que ele causou a si próprio, com certeza começará a mudar a orientação da sua vida, do rumo autodestrutivo que estava para a saudável sustentabilidade que buscará”. Ou seja, o pai percebeu que ao destruir a si próprio, ele levava toda a família consigo. E foi ao pensar nesses prejuízos, que o mesmo afirma ter reavaliado sua vida.

“Não to 100%, mas to me procurando me regenerar cada vez mais. Mas graças a Deus tem um bom tempinho que eu me regenerei de novo. E agora eu sei muito bem que... vi a diferença dos meus filhos que hoje eu tenho uma palavra de conforto pra eles, tenho um conselho pra dar a eles, e tenho mais paciência, porque antigamente eu deixava eles fazer o que queria porque pouco me interessava o que eles tava fazendo. Porque quem vivi precisando de uma ajuda mental, não é igual as pessoas que nascem em berço de ouro não. Todo cuidado ainda é pouco. Porque é frágil, é uma pessoa totalmente carente de conhecimento, carente de uma força amiga” (PAI, 2018).

Como foi citada anteriormente, a família não tem renda fixa. Então, o pai trabalha com reciclagem e recebe o benefício disponibilizado pelo governo que é o Bolsa Família.

A estrutura e o funcionamento familiar vêm se modificando ao longo do tempo. O contexto sociocultural é um parâmetro indispensável à compreensão do que se passa com a família de hoje. Fatores sociais como o desemprego, a corrupção e a violência atingem todos os setores da sociedade, principalmente a família, que desprotegida pelas Entidades Governamentais, encontra-se só para enfrentar essas desordens, em muitos casos, não está preparada para enfrentar todos esses agravantes (CASARIN E RAMOS, 2007, p.7).

Apesar de estar muitos anos desempregado e passando necessidades financeiras, o pai (2018) salientou que *“eu preferi essa função humilde, simples, mas digna de eu me orgulhar e meus filhos se orgulharem. De cabeça erguida sair de casa e voltar de cabeça erguida, sem dever a justiça, sem dever preconceito. Entendeu? E fosse uma lição de moral no dia a dia deles, que eles vinhesse um dia se não tivesse uma função alta, que nem muitos tem ai de estudo. Mas que eles venha ter a simplicidade de honrar o nome dele, dele ter a tranquilidade na vida dele”*.

O mesmo atestou ter um bom relacionamento com sua conjugue. Porém, disse que a mesma não tem paciência com os meninos e nem controle sobre eles. E que só os trata aos gritos. Evita até mesmo de sair com eles, saindo apenas com as meninas. Neste momento, apresentou certa preocupação em relação a isso. Para Cortella (2017, p.60):

O corpo fala, a maneira como a voz se projeta é decisiva. É preciso treinar a voz, prestar atenção se você não está usando com a criança ou com o jovem um tom de súplica. Isso retira qualquer energia necessária à afirmação da autoridade. Convém lembrar que a autoridade tem dentro dela não a brutalidade, mas assertividade.

O autor ainda acrescenta que *“a submissão a desejos e caprichos é extremamente negativa para formar uma personalidade que seja decente na convivência”* (IBIDEM, 2017, p.60).

Todavia, o pai mesmo revelou que *“ele (Aluno A) me trata bem, gosta muito de mim. E olhe que eu bato. Tem hora que eu bato que às vezes eu tenho pena. Bato de tábua e de sandália de couro. Eu bato não é pelo prazer de ver ele chorar. É pra evitar de alguém bater nele pior, de alguém machucar ele pior”*.

Como vimos, o pai demonstrou as suas ações para tentar minimizar segundo ele, comportamentos e atitudes do filho. Apesar, desse posicionamento ser incorreto e inadequado, para o pai essa é a solução para fazer o filho parar, evitando que outras pessoas o machuquem futuramente. O que se torna algo contraditório, pois, a agressão vem de quem deveria protegê-lo e corrigi-lo de maneira apropriada.

5.1.2. Comportamento da criança

Ao ser questionado no que se refere ao comportamento do filho, o pai salientou que não só o Aluno A, de 7 anos, mas o filho mais velho de 10 anos, apresentam problemas no comportamento. Segundo ele, quem notou tal comportamento no Aluno A foi a creche quando ele tinha por volta de 1 ano de idade. *“Lá o pessoal notou que ele não era normal, que ele precisaria de um encaminhamento pra um psiquiatra, pelo um neuro de cabeça, só que pra nós de periferia não se trata disso... é muito difícil” (PAI, 2018).*

Ao sair da creche e ingressar na pré-escola, o pai foi chamado novamente e alertado quanto ao comportamento do filho. *“O colégio também pediu o acompanhamento queria que a gente procurasse um psiquiatra pra poder acompanhar ele. Mas, fica difícil. Eles mandam a gente procurar, mas como a gente vai procurar se a gente não tem o conhecimento. Pra onde a gente vai manda pra outro setor e cada setor mais longe ainda. Então tem que ter dinheiro pra ta se movendo de um canto para o outro. Não acho bom as atitudes e comportamento dele. A brincadeira dele não é muito boa não, porque ele não via nada que viesse corrigir ele de uma forma diferente. Tudo que eu vivi eu passei pra ele. O mundo do crime o mundo da droga, tudo ele assistia de camarote. Ele age assim, pelo o que eu passei e pelo o que a gente passa” (IBIDEM, 2018).*

O autor Tiba (2014, p.299), alerta que “quanto mais forte o laço de consanguinidade, maior é a predisposição. Quando pai e mãe são dependentes químicos, tal situação compromete o filho mais do que apenas um deles”.

No decorrer do tempo, o Aluno A foi levado ao psicólogo que entregou o relatório a família com o diagnóstico de Hiperatividade.

Atualmente, o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) constitui uma complexa desordem comportamental que leva a criança a graus variáveis de comprometimento na vida social, emocional, escolar e familiar. Esse transtorno caracteriza-se por distúrbios motores, perceptivos, cognitivos e comportamentais, expressando dificuldades globais do desenvolvimento infantil. (...) é uma terminologia usada para descrever uma desordem específica do desenvolvimento exibido por crianças com deficiências em sustentar a atenção, inibir os impulsos e regular a atividade motora nas diversas situações de vida (ANTONY E RIBEIRO, 204, p.127).

Segundo Couto et al. (2010, p.243):

Em relação à imaturidade emocional, segundo Riesgo e Rohde (2004), alguns eventos pré ou perinatais como, por exemplo, o baixo peso ao nascer, a exposição ao álcool ou cigarros durante a gestação, aumentam o risco para o desenvolvimento do TDAH. Desta forma, como podemos perceber, as causas do TDAH podem ter um sintoma isolado ou um conjunto de fatores. Contudo, apesar dos variados fatores que influenciam o desenvolvimento do TDAH, cada vez mais se constata que a etiologia do transtorno é neurogenético-ambiental.

Diante disso, o médico receitou medicações para amenizar os efeitos do comportamento da criança. A partir desse momento, o pai (2018) frisou que *“ele (Aluno A) tomava vários remédios agora tudo dormia. Como eu vi que ele tava dormindo direto, pra mim eu tava matando meu filho aos pouco, de ver ele dormir cedo e qualquer coisa eu via todo mundo acordado e meu filho dormindo. Então aquilo me comovia e eu suspendia”*.

De acordo com o pai, tanto o uso da medicação como o acompanhamento que o Aluno A deveria realizar através do CAPS permanece suspenso até hoje. Pois, de acordo com o mesmo, o serviço citado nunca tinha profissionais para realizar o atendimento.

Contudo, é indispensável o uso da medicação e o acompanhamento adequado. Porque é nítido que foi a falta de informação apropriada, que levou ao pai a suspender o tratamento. A vista disso, para que haja a melhora no comportamento e na aprendizagem do Aluno A, o pai precisaria retomar urgentemente ao médico. Segundo Tiba (2006, p. 178) *“às vezes, até seu sono é agitado. O próprio hiperativo sofre com tamanha agitação, sem que consiga ter o mínimo controle sobre ela. Um tratamento bem orientado e com medicação adequada pode controlar tais distúrbios”*.

Diante de tais circunstâncias, esse comportamento tem refletido também na escola. O pai informou que aparece quando a direção solicita sua presença, em virtude do comportamento do Aluno A, acrescentando ainda que *“eu conheço ele, é uma bomba relógio. Teve uma vez no ano passado que ele pediu lanche e não deram, porque ele queria repetir, ai ele se chateou, mordeu um, mordeu outro, quatro professoras não deram conta dele. Ele brinca, brinca, mas quando pega no calo dele... em casa mesmo se alguém tomar alguma coisa dele, a pancada dele é*

segura, ele e o mais velho bate igual gente adulto. Esse é meu medo. Por isso não deixo eles sozinho dentro de casa, quando saio sempre vem mais eu. Porque eu sei que corre risco. Hoje ele (Aluno A) é mais esperto, é mais avançado do que o mais velho, é um avançado, mais agressivo, ele bate, xinga e quebra as coisas, a brincadeira dele é só de quebrar, ele não zela de nada, de nada, nada. Pode dar o que for de maior importância pra ele, pra ele só existe aquele momento” (PAI, 2018).

O Aluno A apresenta um quadro de agressividade mais acentuado em casa do que na escola. Segundo o relato do pai, o Aluno A tem melhorado na escola, pois não recebe mais convocações e suspensões como antes. Entretanto, com a família ele possui um comportamento explosivo.

Para Coria-Sabini (1993, p.82), “a agressividade (física ou verbal) é uma das reações da pessoa submetida à frustração. Uma criança que fracassa na escola pode desenvolver um comportamento agressivo com o professor como forma de compensar a rejeição sofrida”. Em consonância com a autora, Weil (2004, p.122) acrescenta que:

Quando a agressividade é dirigida contra determinada pessoa (pai, mãe, irmão), talvez a causa seja a incompreensão dos educadores ou ciúmes inconscientes, cujas origens precisam ser descobertas. A criança ciumenta é facilmente hostil aos coleguinhas. É aliás a primeira coisa a procurar. Se a brutalidade tiver por origem o ciúme, será preciso então cuidar do ciúme; já falamos muitas vezes do ciúme; o ciúme é quase cultivado e provocado por erros de educação.

No entanto, o pai (2018) disse que o Aluno A, vai para escola de ônibus escolar ofertado pela prefeitura, mas que o mesmo, o leva até o ponto onde passa o transporte. Quando não há transporte, ele leva de bicicleta ou carroça. Porém, reforça que *“Ele (Aluno A) sai sozinho de casa. Quando eu mando ele sai, sai também escondido, ele cega qualquer um. Ele é ligeiro. Vai pra rua bater bola, conversa com todo mundo, não se perde. Mas é onde tá o perigo, porque com todo mundo ele pega amizade”*. O relato evidencia a preocupação do pai no que diz respeito, a deixar o Aluno A sair ou andar sozinho. Porém, a partir de agora, veremos com encontra-se a aprendizagem desse aluno.

5.1.3. Visão do pai sobre a aprendizagem do filho e a escola

A princípio, o pai (2018) expressou que *“ele é bom de mente. O dever de casa ele diz que já fez no colégio. Tudo ele diz que já fez lá. Eu pergunto cadê os papéis e ele diz que ficou lá (na escola). Ele não chega com nada escrito. A mente dele não tem um estudo, não vou mentir. Ele tem a mente mais aberta pra fora. Porque o estudo não puxou pra ele ainda. Se o estudo vim a favor a ele, ele abraça. Ele tá muito fraco na leitura e no conhecimento. Que nem vejo ai, os pessoal que tem crasse média, que tem condição, você vê que os filho dele todos tem entendimento de fazer qualquer cursozinho e desenvolver. E o meu filho não desenvolve, porque não teve recurso. Porque se tivesse recurso eu digo a você que todo ser vivo eles teriam um futuro melhor. Ninguém nasceu com o destino pra rouba, nem com destino pra traficar. Toda essa perdição de jovem é vivido o desconcerto que ta as autoridade. Eles dizem que ta investindo na educação e na saúde, a gente não ta vendo isso. Eu não vejo. Eu vejo mais colégio abandonado do que tudo”*.

Um lar em que todos os esforços são despendidos para uma sobrevivência difícil, gera tensões e conflitos para a criança, jogada entre duas realidades diferentes: de um lado, a família sem recursos; de outro, a escola que exige ordem e organização. Pode-se dizer que a escola não está adaptada à realidade da maioria de seus alunos que, por isso mesmo, não aprendem o que lhes é ensinado (PILETTI, 2009, p. 151).

Infelizmente, a desorganização familiar, atinge a organização escolar. Desse modo, a escola por sua vez, nem sempre tem estrutura e estratégias para ajudar em tais conflitos familiares. E a criança? – Passa a adequar-se a realidade em que vive, com objetivo inconsciente de sobreviver.

Nesse sentido, o autor ressalva que *“alguns tipos de educação familiar muito comuns em nossa sociedade são bastante inadequados e trazem consequências negativas à aprendizagem”* (IBIDEM, 2009, p. 152).

Conforme o pai (2018) *“a família e escola tem que compartilhar em tudo, não só a sala de aula, mas como vai o dia a dia dentro de casa, como é que ta o comportamento dele dentro de casa, sobre a vizinhança. Realmente tendo educação que é o básico da vida é a gente ter uma educação, a gente sem educação, a gente*

não tem um raciocínio que venha prosperar, porque não tem entendimento. É igual um cego numa guerra não tem direção certa. Com a escola eu não vou mentir tenho e não tenho o que questionar. Onde eu questiono as professoras as vezes que elas só mandam escrever. O meu mais velho mesmo escreve até bonito. Mas não tem noção de nenhuma letra do que faz. Ai eu digo, onde é que tá o erro? – elas dizem em casa, porque o dever da professora é escrever. Mas não é só isso. O dever da professora no meu conhecimento é escrever e explicar o que tá escrevendo. É ele ter noção do que ele tá fazendo. Porque a gente pode dar o reforço em casa mais se ele não tá tendo noção do que ele tá fazendo, então nunca vai entender o que é”.

O pai questiona o posicionamento do professor na sala de aula, frente às dificuldades de tais alunos. Porém, não reconhece de fato que sua postura enquanto pai é que trará benefícios ao filho. E não somente esperar que a escola cumpra com as duas funções: educar e escolarizar.

A base fundamental da formação dessa personalidade é a educação. Assim, desde recém-nascido, o filho recebe passiva e depois ativamente os fundamentos educativos passados pelos seus pais, aos quais se juntarão outros advindos do seu meio social. A educação pode ser dividida em duas fontes: a escolar e a familiar (TIBA, 2014, p.30).

Partindo deste princípio, a escola surge como uma organização que irá contribuir e fortalecer tais fundamentos transmitidos pela família. Apesar disso, o que se constata atualmente é outro cenário. A família outrora cumpria de fato seu papel, porém, nos últimos anos tem transferido tal incumbência a escola. Como se somente a escola fosse responsável pela educação. Quando na verdade, não é! “É a falência da autoridade dos pais, do professor em sala de aula, do orientador na escola” (IDEM, 1996, p.16).

Tal qual o pai (2018), continua afirmando que *“as professoras e as diretora tem que olhar esse lado, porque nem todos os pais tem condição financeira conveniente como o padrão manda na vida das crianças, é um alimento certo, um lanchinho certo. Às vezes a criança chega num setor colegial, e quer repetir o lanche porque em casa não teve, então se ela sente necessidade de repetir é porque não saciou aquela vontade dela ainda. Mas às vezes a professora e a diretora não quer entender”*. Isto é, como a família tem dificuldades na questão da alimentação, o pai pediu que a diretora deixasse o Aluno A, repetir o lanche, caso ele peça. Pois, nem

sempre eles almoçam antes de ir à escola. Esse fato será confirmado no relato abaixo.

5.1.4. Depoimento do Aluno A

Ao conversar com a criança, questionei o motivo dele (Aluno A) ter faltado a aula no dia anterior. O mesmo relatou que estava no hospital, pois ingeriu cerca de quatro mangas às 00:00hs e após isso, começou a vomitar e o pai o levou para o hospital. Indaguei o porque dele ter ingerido manga em grande quantidade e tão tarde da noite. Este respondeu que estava com muita fome e quando acordou, todos da casa estavam dormindo, e como não havia outra coisa para se alimentar, comeu as mangas.

Segue abaixo as informações contidas na entrevista com o Aluno A.

Pesquisadora – Você gosta da escola?

Aluno A - *Gosto da escola, porque é bom estudar e aprender... E se educar. Eu gostava também da professora do ano passado. Dessa gosto mais ou menos, porque ela as vez da um cartão neu, porque eu também erro.*

Pesquisadora - Quem faz o dever de casa com você?

Aluno A - *Meu pai e minha mãe.*

Pesquisadora – Seus pais vêm à escola?

Aluno A - *Meus pais vêm aqui na escola quando eu erro, porque desobedeci.*

Pesquisadora – Quem lhe traz para escola?

Aluno A - *Às vezes venho e vou pra casa no ônibus e de vez em quando é meu pai que vem. De vez em quando vou sozinho do ponto pra casa, e de vez em quando minha mãe ou meu pai vai me buscar no ponto.*

Pesquisadora – Como é seu comportamento aqui na escola?

Aluno A - *Meu comportamento na escola é mais ou menos porque às vezes eu também erro. Porque bato nas pessoas, já dei murro nas pessoas de ficar roxo.*

Pesquisadora –Quais pessoas?

Aluno A - *As que vêm me bater.*

O Aluno A (2018), acrescentou que *“eu tenho muitos amigos na rua e aqui na escola também. Mas, em casa gosto de brincar com meus irmãos. Meu pai brinca às vezes de jogar bola, queimado e corrida de bicicleta. O que eu não gosto é de apanhar de pau, de sandália. Um dia desse eu pulei o muro da vizinha pra pegar meu gato, aí meu pai me boto de castigo, pegou a madeira e pou... Ficou até vermelho”*.

Ele revelou o mesmo aspecto citado pelo pai a respeito da moradia da família. *“Lá às vezes tem rato, teve que comprar chumbinho. Um dia desse nós fez um vídeo de uns gabiru grandão. Eu prendi um rato de estimação, eu cuido dele. Eu tinha um cameleão, mas só que eu lasquei o rabo dele, puxei ele pelo rabo até que torou, ele tava me dando muita rabada e eu já tava injuriado da cara dele, e ele me deu um mordida na mão também”* (ALUNO A, 2018). O mesmo, ainda confirma o ponto de vista mencionado pelo pai anteriormente, *“eu saio mais é com meu pai, com minha mãe não. Ela sai direto mas não deixa eu sair com ela, porque às vezes eu também desobedeci um pouco. Ela diz que vai levar mais nunca leva. Ela só sai com minhas duas irmãs, agora é a preciosa dela”*.

Assim, o Aluno A refere-se à mãe, como alguém que o rejeita devido ao seu comportamento. Foi explícito no tom da voz dele e na expressão facial, o desagrado com essa situação. Pois, para ele a “preciosa” da mãe é somente as irmãs. Segundo Coria-Sabini (1993, p.81):

A criança descobre que a aceitação ou rejeição social depende de suas realizações. Essas experiências, por sua vez, influenciam a formação do autoconceito. (...) a criança de idade escolar não é ainda capaz de resistir às pressões externas. Por isso, seu autoconceito baseia-se naquilo que os outros dizem a seu respeito. (...) No esforço de ser aceita ou para se defender da rejeição, a criança pode desenvolver comportamentos inadequados, tais como agressividade, retraimento e regressão.

Essas circunstâncias trazem consigo danos por vezes irreparáveis. O aspecto da agressividade adentra nesta perspectiva como meio de chamar a atenção, principalmente à da mãe. Outro fato intrigante do Aluno A (2018) foi o seguinte: *“meu pai não deixa minha mãe tomar café, mas ela toma escondido, às vezes ele bate nela, porque também ela fica com osadiazinha, porque bebe café sem meu pai deixar. Ele não deixa porque ela fica doída, maluca”*.

A criança presencia cenas de agressão física em casa, cometidas pelo pai. O mais preocupante é que ele já se refere à mãe dessa maneira, como se o fato dela ter sofrido tal agressão, fosse por culpa dela. Conforme Tiba (2014) quando a mãe submete-se ao machismo do esposo, prejudica a ela e aos filhos que sofrem com esses acontecimentos. O fato dela aceitar, ensina ao filho a não reagir. Esse clima familiar pode instigar na criança a levar consigo esse modelo na sua base da identidade. Prejudicando assim, sua concepção de casal, pois, ele poderá buscar alguém que se submeta ao seu machismo, como a mãe sujeitou-se ao seu pai. Tais situações retratam que o Aluno A, demonstra na escola o que ele ver dentro do próprio lar.

5.1.5 Visão da Organização Escolar

❖ Professora

Durante a entrevista com a professora, a mesma avisou que não sabia do contexto familiar do aluno. *“O tempo que fiquei com ele na turma, eu tive mais contato só com ele, nunca o vi falando da família não. Só sei que o pai dele trabalha fazendo entregas em uma carroça, a mãe eu nunca vi, sei que ele tem mais irmãos, só isso. Só tive contato com o pai dele uma vez e mesmo assim não foi por comportamento ou atrito não, o pai dele me perguntou onde era a secretária e eu informei. Às vezes ele demonstrava ser uma criança carinhosa. Mas tinha outros momentos que ele dizia que não gostava de mim, mais eu acho que isso é normal, até porque se deixar ele fazer o que quer, ele vai tomar conta da turma e até da escola” (PROFESSORA, 2018).*

Em relação ao relacionamento dele com os colegas, a professora (2018), afirmou que considera perfeito, *“nunca vi nada de atrito entre eles não, se tiver não me lembro. Ele só é muito debochado, ele gosta muito de rir, qualquer coisa que ele ver de diferente que não seja do cotidiano dele, ou até mesmo que seja mais só pela “ousadia” ele rir. Ele não é agressivo, se ele for eu nunca presenciei! É indisciplinado demais, ele é do tipo de criança que não sabe ouvir “não”, se disser a ele que não pode fazer alguma coisa, ele fica emburrado e finge que não ta ouvindo e continua fazendo a mesma coisa”.*

No que diz respeito à aprendizagem, a mesma alegou que *“às vezes dá pra perceber que ele quer aprender, só que pelo fato dele não saber, ele não faz,*

nem deixa ninguém fazer. Ele vê que os colegas estão se desenvolvendo então ele para o que ta fazendo e vai incomodar eles, e se ele ver que você ta dando atenção aos que os outros estão fazendo, de alguma forma ele tenta tirar sua atenção, e incomoda um, incomoda outro. Por mais que você se esforce, tente, puxe pra fazer leitura, é difícil. Mas, com o acompanhamento da outra professora que faz a leitura com eles, ela comenta que ele ta se desenvolvendo na leitura, ele já conhece algumas letras, mais em sala de aula ele ta estagnado” (IBIDEM, 2018).

No início ele era um pouco agressivo, quando algum colega não dava algo que ele queria de imediato, e na hora da leitura ele não aceitava (no início). Hoje ele está um pouco mais calmo e mais atento ao realizar as atividades de linguagem e matemática. Mas continua ainda disperso (Professora Assistente de Alfabetização, 2018).

Todavia, a professora (2018) comentou que *“quando ele se interessa pelo assunto e é algo que chama a atenção dele ele participa. Ele não copia, e mesmo que a gente trabalhe e faça atividade na folha ou no livro, ele não faz. Ele não tem agenda! E mesmo que coloque pra ele fazer no caderno ele enrola e não faz. E eu não posso ficar esperando a vontade dele pra fazer a agenda porque prejudica os outros alunos. Ele é uma criança bem ativa, dá pra perceber, ele é bem disposto, em tudo que você propõe a ele, não em termos de sentar e escrever, mais de atividade ele faz de boa vontade, ele é um menino muito brincalhão, não sei o que aconteceu nos anos anteriores que ficou essa lacuna, pelo fato dele não saber escrever e não conhecer as letras. Só falta isso nele, ter alguém disposto pra dar uma atenção individual, pra ele poder acompanhar os outros. Ele precisa de uma atenção individual, alguém que veja o problema dele e trabalhe em cima desse problema pra ele se desenvolver. Não tenho conhecimento se ele tem algum relatório. Tem certas coisas, por exemplo, quando a gente vai dar uma aula, tirando português e matemática, quando a gente vai trabalhar outro tipo de assunto, como história e geografia, quando é algo mais oral algo de conversar, a gente senta e fala de algo que ele já viveu, então da pra perceber que quando a gente diz o que tem pra dizer, ele junta com o que ele tem e ele acaba aprendendo. A dificuldade dele é escrever e ler. A que ele mais interage são as aulas trabalhadas oralmente, porque se for pra ele escrever ele não faz”.*

De acordo com Weil (2004), o professor antes de iniciar qualquer conhecimento, é imprescindível despertar o interesse pelo assunto que será estudado. Apesar de ser uma tarefa árdua, pois não sabemos como cada aluno irá reagir devido às diferenças e vivências individuais de cada um, são métodos que ajudam a resolver problemas como a falta de motivação e conseqüentemente, com a aprendizagem.

No que concerne à posição da direção em relação ao Aluno A, a professora (2018), deixa explícito que *“já reclamei sim a direção! Tem que ter suporte. Eles mandam sentar ele em uma cadeira e deixar ele lá parado. Uma vez que eu já ouvi e não gostei foi que disseram que estavam ocupados e mandaram deixar ele “lá”.*

O quadro abaixo é o resultado de uma lista de verificação que aponta sinais de dificuldades de aprendizagem. A lista completa está no Anexo C, onde a mesma foi respondida pela antiga professora do Aluno A, de acordo com o que ele apresentava durante a convivência em sala de aula.

Quadro 1: SINAIS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.

ALUNO A		
<p><u>Organização</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Conhecer as horas, os dias da semana, os meses e o ano. <input type="checkbox"/> Gerir o tempo <input type="checkbox"/> Completar tarefas <input type="checkbox"/> Executar planos <input type="checkbox"/> Tomar decisões <input type="checkbox"/> Estabelecer prioridades <input type="checkbox"/> Sequencialização <p><u>Coordenação motora</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escrever <p><u>Linguagem falada ou escrita</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Articular <input type="checkbox"/> Encontrar as palavras certas <input type="checkbox"/> Rimar palavras 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Leitura e/ou escrita (dá erros frequentes tal como reversões (b/d), inversões (m/w), transposições (ato/ota) e substituições (carro/cama) <input type="checkbox"/> Seguir instruções <input type="checkbox"/> Compreender ordens <input type="checkbox"/> Contar histórias <input type="checkbox"/> Compreender conceitos <input type="checkbox"/> Compreensão da leitura <input type="checkbox"/> Soletrar <input type="checkbox"/> Escrever histórias e textos <p><u>Atenção e concentração</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Completar tarefas <input type="checkbox"/> Agir depois de pensar <input type="checkbox"/> Esperar <input type="checkbox"/> Relaxar 	<p><u>Memória</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Recordar factos <input type="checkbox"/> Aprender o alfabeto <input type="checkbox"/> Transpor sequências numéricas <input type="checkbox"/> Identificar sinais aritméticos (+, -, x, :, =) <input type="checkbox"/> Identificar letras <input type="checkbox"/> Estudar para os testes <p><u>Comportamento social</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Impulsividade <input type="checkbox"/> Tolerância à frustração <input type="checkbox"/> Trabalhar em cooperação

<input type="checkbox"/> Diferenciar palavras simples		
---	--	--

Fonte: Anexo C.

Torna-se necessário salientar que esta lista não pode ser utilizada como diagnóstico e nem como recurso de investigação de maneira isolada. Porém, pode ser utilizada por professores e pais para analisar como está o desenvolvimento do aluno/filho. Além de servir de alerta quando o quantitativo é extremo. Tal como o do Aluno A, de cinquenta e sete sinais, o mesmo apresentou trinta e três, ou seja, mais de 50% do total.

Diante dos fatos mencionados, fica evidente a situação familiar que este aluno está inserido e como esta, prejudica a sua aprendizagem e seu desenvolvimento. De acordo Piletti (2009, p.303):

Em tais condições, que possibilidades tem uma criança de desenvolver-se de forma sadia, que lhe permita um bom aproveitamento escolar? Nenhuma! Nessas condições precárias, é fácil a criança ficar doente e, sem assistência médica, morrer ou sobreviver com graves prejuízos ao seu desenvolvimento. Certamente, as consequências dessa situação são graves: a criança não vai ter a atenção necessária à sua maturidade emocional, não vai desenvolver sua individualidade, a consciência de que é alguém com direitos e deveres, um autoconceito positivo. As inúmeras frustrações levarão a criança a subestimar sua competência, a sentir-se incapaz.

Confirmando as proposições do autor, fica evidente que as dificuldades enfrentadas pelo aluno têm de fato um contexto relevante por trás de suas ações. E que tem sido reflexo de maneira negativa no seu desenvolvimento e formação.

Portanto, ao ter acesso a essa lista de verificação, o professor pode adquirir uma visão ampla das dificuldades de seus alunos, podendo assim, contribuir para um planejamento intencional, isto é, capaz de adaptar-se as especificidades do educando.

❖ Coordenadora Pedagógica

Ao contrário da professora, a coordenadora, estava ciente sobre a situação da família do Aluno. *“Eu estou na escola há dois anos, quando eu cheguei*

ele já estava na escola. Agora eu logo nos primeiros dias eu tive consciência do contexto familiar dele. Porque eu chamei o pai umas duas vezes para pedir a ajuda dele pra controlar ele na sala de aula. Conversei com o pai e o pai deixou bem claro o seu problema familiar. Quem comunicou o contexto da família foi o próprio pai. A mãe eu poucas vezes entrei em contato, sempre quem está presente quando convocado, sempre quem vem à escola é o pai, a mãe só vem à escola pra buscar ele e mais nada. O pai relatou que sempre viveu uma vida com hábitos e costumes errados, que bebeu muito e que usou bastantes drogas e que devido a isso ele maltratou muito a família, que batia muito na esposa e nos filhos, que deixava os filhos passarem necessidade e passarem fome e que tudo isso ele tem consciência que ele fez. Mais que ele fazia no efeito das drogas e que achava que não tinha necessidade de deixar as drogas. Até o momento que ele encontrou Jesus, foi pra uma igreja e a igreja modificou a vida dele, mais ele sabe que deixou muitas sequelas nos filhos e que ele tenta hoje minimizar um pouco tudo que ele fez a família sofrer, “tentando justificar os erros de aluno A”, então ele aceita o que falamos, mas na hora que a gente pega pressão, que vai chamar ele pra responsabilidade, ai ele procura de imediato colocar o erro dele em terceiros, nunca no filho. Pra defender o filho coloca a culpa em quem está perto dele, sempre o culpado que é o amigo, a professora, a escola, mais isso ele fez muito no inicio do ano passado, no meio do ano passado pra cá ele pouco agiu assim. Esse ano poucas vezes também ele veio pra conversar” (COORDENADORA PEDAGÓGICA, 2018).

O relato da coordenadora demonstra que apesar do pai conhecer o filho e saber dos seus feitos na escola, ele encontra formas de justificar os atos de rebeldia do Aluno A. Para tal situação, Cortella (2017, p. 48) adverte que “essa ideia é danosa porque forma na criança a percepção de impunidade, afinal, os pais estão incondicionalmente do lado dela”.

A coordenadora (2018) destaca que “pelo que eu entendo, porque até Aluno A não é menino de esconder nada, o pai realmente mudou, deve ter as sequelas do momento em momentos de fraqueza, mais assim no geral ele mudou, mudou porque a gente percebe a maneira como ele trata os filhos, ele ta sempre com os filhos os filhos estão sempre com ele mesmo em cima de uma carroça, ele corre pra levar um pra escola e corre pra levar o outro e antes ele não fazia nada disso, ele não tinha responsabilidade com os filhos, não tinha cuidado e hoje ele

tem. A família disse que ele é imperativo! O que eles informam em relação ao comportamento da criança é o que ta no relatório, porque eles em si não falam do comportamento dele em casa, quando chamam eles tentam justificar o comportamento dele, mais não falam, fala assim de vez em quando: não estou aguentando mais! Mais detalhes eles não falam”.

Convém ressaltar que a escola não sabia ao certo sobre o diagnóstico da criança, dizendo que “já ouviu falar” através da família. Porém, não buscou confirmar tal informação fornecida pela família. Ao final da entrevista a coordenadora buscou a pasta do Aluno A. Nesse momento, a mesma encontrou o relatório médico com as demais documentações.

É nítido que o ambiente escolar também pode influenciar a não aprendizagem do aluno. Mesmo com acesso ao relatório, a escola não se prontificou a instigar a família, e a retomar o tratamento da criança, e nem criou estratégias de aproximar estes pais da escola e, conseqüentemente para o contexto escolar do aluno/filho.

A administração da escola – diretor e outros funcionários – também pode influenciar de forma negativa ou positiva a aprendizagem. Se os alunos forem respeitados, valorizados e merecerem atenção por parte da administração, a influência será positiva. Se, ao contrário, predominar a prepotência, o descaso e o desrespeito, a influência será negativa (PILETTI, 2009, p.150).

Ao falar sobre as reclamações que recebia em referência ao Aluno A, a coordenadora reforça boa parte do que havia sido dito pela professora previamente. *“No ano passado recebíamos reclamações frequentemente! E o que a gente percebe nele é que o que ele precisa é de um referencial, ele tem que ter um referencial que ponha respeito nele porque ele obedece, dependendo da figura que tem na frente dele ele se intimida, não é todo mundo. A professora relatou a falta de respeito dele, a falta de interesse dele em fazer a atividade, ele sempre desafiava a professora. A minha atitude em relação a isso era chamá-lo e conversar com ele (Aluno A), dar disciplina pra ele, mostrar pra ele que o caminho não era assim que ele não pode fazer só o que ele queria, eu fiz com ele ano passado um acordo que se ele não recebesse mais reclamação da professora eu ia dar um presente pra ele e ele melhorou e eu dei a recompensa, mais todo dia ele me cobrava. Esse ano*

foram poucas as reclamações dele, não teve nada marcante. Não que eu lembre não!” (COORDENADORA PEDAGÓGICA, 2018).

No tocante ao posicionamento da coordenação para com a família, a mesma disse que *“a atitude da escola sempre foi chamar os pais. Conversou com eles, depois de umas 4 a 5 conversas que nós tivemos, eu percebi que Aluno A melhorou bastante. Conversei com o pai, orientei que quando ele tivesse alguma coisa pra falar de algum professor de algum aluno ou alguma coisa não faça essa observação na frente dele (Aluno A), mande ele embora, espere, depois venha aqui e faça sua queixa, porque do jeito que o senhor faz a queixa, a gente ta falando dele, de uma situação onde ele cometeu alguma coisa errada, ai o senhor vem no mesmo momento fala do colega e da professora. Então o que o senhor faz? Tira a culpa dele, tira a responsabilidade dele. Ele vai ta sempre fazendo e achando que sempre alguém vai ser o culpado no lugar dele. Depois que eu falei com ele isso umas 4 ou 5 vezes ele melhorou muito, risos”.*

Para concluir a entrevista, finalizou elogiando e ressaltando os aspectos positivos do Aluno A. Segundo a coordenadora (2018), *“nota-se que é um menino esperto, inteligente, que tem uma liderança e certa maturidade pra idade dele, agora que precisa ser canalizado no caminho certo. Ele tem até atitudes de adulto, mais ele tem o trejeito de superar as dificuldades, ele criou como se fosse uma alta defesa pra si mesmo, ele vai tentando passar por cima de quem passar por cima dele, ele aprendeu a se auto superar e ele já descobriu que ele depende dele, não depende dos outros. É um menino muito bom, carinhoso, carente e que precisa muito de atenção! No meu ponto de vista faltou alguém que tivesse um olhar especial pra ele. Na sala de aula ele responde bem oralmente, agora se ele não for estimulado e se ele achar naquele momento que ele precisa fazer alguma coisa pra chamar atenção ele faz” (COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA, 2018).*

❖ **Diretora**

A diretora informou que estava ciente do contexto familiar da criança. Pois, a mesma mora na própria comunidade, conhecendo dessa forma, um bom número da população que habita nos entornos da escola.

“Ele é nosso aluno desde 2015, então foi à primeira escola dele. Ele é um menino muito levado, chamou nossa atenção, sempre foi muito agitado, não

respeitava ninguém. Hoje em dia a gente pode ver que ele se superou na escola, hoje a gente tem a colaboração dele bem melhor que antes. Nós aguentamos muitas coisas do pai, até hoje a gente que consegue o acalmar, porque quando ele chega ele vem com toda a razão dizendo que Aluno A é um menino doente, e coloca na cabeça dele que ele é um menino doente. Ele tem uma necessidade, mas não é doente, ele é muito saudável. No início o pai queria que a gente arranjasse o médico, que era responsabilidade da escola arranjar um médico para o menino ir. Eu disse: não pai, a gente pode facilitar a sua ida ao médico mais a gente não tem como arrumar um médico. A gente começou a suspender, a dar suspensão para o pai se alertar e encaminhar ele para o médico, depois que a escola falou ele tomou a iniciativa de levar o menino pro médico. De tanto lutar, graças a Deus ele conseguiu levar para o médico, foi em 2016” (DIRETORA, 2018).

Em relação à estrutura financeira da família, a diretora (2018) reafirmou que é precária, pois, *“o pai dele é carroceiro, ele não tem emprego fixo, a renda mais fixa que ele tem é a bolsa família. Às vezes o pai não tem como trazer ele, não dá comida na hora certa, não tem comida certa. A mãe não é “certa” ela teve alguma coisa pós-parto, alguma coisa assim. Ela não é 100% sadia, e quando ela resolve ir pra algum lugar ela esquece de voltar, tipo foi no médico, pronto ali os meninos ficam com fome, e eles estudam no horário da tarde. Ele (o pai) correu semana passada pra colocar os meninos na escola, aí não dá pra fazer comida porque ele tá na rua rodando de carroça. Muitas vezes tá Aluno A e o outro menino junto com ele pra cima e pra baixo, pegando restos de materiais de construção ele faz isso, essa semana ele passou vendendo tudo como banana e frutas, mais a necessidade dele é principalmente a financeira, é bem carente, e você vê que é financeira mais eu acho que o pai dele dá muito amor a ele, ele é bastante carinhoso e ele transmite isso, já a mãe não sei, ela conversando fala alto, é agitada aí dá pra perceber que ela tem um problema por trás. Mais tem falta de dinheiro à gente vê que tem a falta, falta comida dentro de casa, mais a gente vê do outro lado o afeto que ele tem principalmente o pai, o cuidado dele com os filhos, ele vai pra cima e pra baixo, briga com o mundo e fundo por causa dos filhos. Já a gente vê outros casos que tem a condição financeira mais não tem o afeto, é contraditório”.*

Conforme a diretora (2018) *“ele (Aluno A) era muito agitado, não ficava em sala de aula não respeitava ninguém, batia em todo mundo, era desrespeitoso,*

agressivo, muito agressivo, dava dedo, língua, xingava todos, também se ele cismasse... Quando a gente mandava pra casa ele (o pai) vinha na escola porque era para o menino ficar na escola. Foi onde a gente travou a luta dele levar o menino para o médico pra ele ser acompanhado. Porque o menino batia, mordida, pintava e bordava, rasgava tudo e não era pra mandar o menino pra casa, não era para dar suspensão nele, mais a gente dava suspensão. Ela ainda ressalva que antes (ano passado) vinha muita reclamação do Aluno A. Mas, que esse ano reduziu significativamente, “é gradativo, 2015 foi uma coisa, 2016 outra, 2017 já melhorou um pouquinho, mais esse ano ta melhor, ele só falta aprender. Hoje ele (Aluno A) é outro. Eu acho que a gente ta no caminho certo, de quando a gente pegou Aluno Há com quatro anos e hoje que ele ta com sete anos... Evoluiu bastante, comparado ao que ele era. Continua tendo as encrencas dele na sala? Continua. Mais são bem menores do que era, até o que chega à minha vista, eu não sei o que a professora passou pra coordenadora, é tanto que a gente dava suspensão, e esse ano ele não recebeu suspensão. Até o ano passado teve advertência dele” (IBIDEM, 2018).

A escola deveria olhar mais o lado da família. Muitos trabalham em benefício deles próprios e esquecem o próximo. Se as autoridade olhasse pra classe e visse que realmente o que a gente precisa não é de dinheiro não. O que a gente precisa é de um olhar humano. Porque todo mundo precisa de atenção familiar digna (Pai do Aluno A, 2018).

Ao chegar à entrevista, o pai do aluno foi bem atencioso e prestativo. Ele chegou acompanhado do Aluno A e da filha mais nova. Durante a conversa, percebe-se que mal ele olhava nos olhos, ficava a maior parte do tempo de cabeça baixa, ou olhando em outra direção. Em vários momentos ele chorou ao lembrar-se de alguns dos seus relatos de vida. Nota-se também, que o mesmo tem ciência do quanto sua postura enquanto pai prejudicou e prejudica sua família até os dias atuais, e que apesar de sua vontade de mudar de vida, assume que deixou uma lacuna profunda na vida de seus filhos.

Durante a observação em classe, é nítida a inquietação do Aluno A. Ele conversa muito, gosta de ficar a maior parte do tempo em pé ou transitando pela sala de aula, é disperso, apresenta dificuldades de concentração e não copiava as atividades. Ele apresenta dificuldades na escrita e na leitura. Além de ter um comportamento explosivo em alguns momentos, principalmente quando o

provocavam. Durante a leitura com a professora do reforço, a concentração dele melhora um pouco, devido à “exclusividade”. A leitura é feita com grupos de 4 em 4 alunos, o que facilita a atenção na hora das atividades. Aliás, o Aluno A, nem material escolar estava levando para a escola. A nova professora que se sensibilizou e comprou lápis, caderno e agenda para ele. O relacionamento dele com alguns colegas é bom, mas devido sua inquietação, por vezes mexendo com os colegas, alguns destes acabam se irritando e brigando com ele. Igualmente com a professora é também ele é bom, porém, quando chamado à atenção, ele age pior do que estava na maioria das vezes.

Desse modo, é claro que os aspectos familiares influenciaram negativamente na vida escolar desse aluno. E que tal falha não será reparada somente com as atitudes e empenho da escola. É necessário que haja mais conscientização por parte da família.

Além disso, a escola necessita se adequar, buscando estratégias para atrair essa família, para que de fato, ocorra uma adaptação e compreensão à realidade da criança. Pois, foi perceptível a falta de acompanhamento também por parte da escola e da professora. Durante as atividades em classe, o Aluno A não fazia as atividades propostas, ou seja, passava a aula toda, e o mesmo, não realizava nenhuma atividade. Não havia uma atenção e nem adaptação das atividades para ele. Por este motivo, o processo de escolarização deste docente, está sendo prejudicada pelo descaso de ambas as instituições, tanto a escola quanto a família. Reverter tal situação é um trabalho a ser realizado em conjunto, pelos pais e pela escola.

5.2 Estudo de Caso: FAMÍLIA B

5.2.1 Histórico Familiar

A família do segundo estudo de caso é composta por: mãe (40 anos) e filho (7 anos). A família é de classe baixa. A mãe trabalha como empregada doméstica, e criou o filho sozinha, ou seja, sem acompanhamento paterno. A criança que será analisada no quesito aprendizagem e comportamento decorrente desse núcleo familiar, será um menino de 7 anos que o chamaremos de Aluno B, e que

está cursando também o 2º Ano do Ensino Fundamental em uma Escola Pública da rede Municipal.

O relato abaixo é o da tia da criança, pois, a mãe trabalha durante o dia. Impossibilitando assim, a entrevista com a mesma. Mas, ao conversar com a mãe por telefone, ela explicitou que a tia do Aluno B é sua irmã, e que saberia responder os questionamentos, devido sua forte ligação com ela e o filho. Visto que, o menino passa a semana toda na casa da tia, que é quem cuida dele em tempo integral, enquanto a mãe trabalha. A mesma mora com o esposo e dois filhos, um de 4 anos e o outro de 10 anos. Segue abaixo o relato da tia (2018), a saber:

“Só mora ele e a mãe. A mãe trabalha de empregada doméstica. E ela não é casada. Só tem ele de filho. Ele não foi planejado não! Ela não foi casada com o pai dele, namoraram, quer dizer nem namoraram, foi um encontro, a gente já conhecia ele a tempo, ai tiveram um chamego como diz a historia e desse chamego tiveram ele, ai depois disso eles não chegaram a ficar juntos. O pai mora perto, mas não tem contato não. No início que ele nasceu tinha, a tia pegava pra passar o dia na casa dela, o pai dele, não tem pai nem mãe, ele morava com a irmã, ai de vez em quando ele pegava quando ele era menor pra passar o dia, só que passou o tempo ele não pegou mais, ai contato assim paterno ele não tem. Ele não pergunta mais sobre o pai porque a mãe já orienta, ela conversa com ele, eu converso com ele, tem coisas que ele entende bem” (TIA, 2018).

A falta de comprometimento do pai do Aluno B para com o próprio filho leva a mãe a manter e sustentar a casa. Apesar de trabalhar o dia todo, a mãe procura sempre estar presente na vida do filho. Para Tiba (2012, p.219) “quando o pai é ausente ou pouco atuante, a mãe tem de manifestar sua força para o bem-estar da família, independentemente das críticas que possa receber”.

A tia (2018) ressaltou o seguinte fato: *“ele ta maiorzinho ta entendendo mais, mais já foi meio difícil, o pai faz muita falta, mesmo não querendo faz. Ai no caso era só ela pra educar e tava meio difícil, ai foi quando ele ficou lá em casa ai a gente foi conversando, orientando e ele ta bem melhor. Tem momento que é muito enjuado, mas ele e a mãe se dão bem mais como toda criança tem problemas, mais se dão bem. Moro com o meu esposo, que é a figura paterna que ele tem. Ele respeita, quando sai ou quando chega da à benção, respeita direitinho. Eu acho assim que deveria mais ter a participação do pai que ele não tem nenhuma, e a mãe*

faz o que pode infelizmente, que ela é mãe e pai, faz o que pode e faz muito e ele se apegou muito a gente, e eu também me apeguei a ele, eu gosto dele mesmo”.

Segundo o depoimento da tia, a mãe não cobra essa aproximação do pai com a criança. E o pai do Aluno B, por sua vez, não procura o filho. Tal situação é tida como crime, por caracterizar-se em abandono moral como ilícito civil e penal.

A Comissão de Direitos Humanos aprovou uma mudança no Estatuto da Criança e do Adolescente, no dia 09 de setembro pelo Projeto de Lei do Senado 700/2007, de autoria do senador Marcelo Crivella (PRB-RJ), que impõe reparação de danos ao pai ou à mãe que deixar de prestar assistência afetiva a seus filhos, seja pela convivência, seja por visitação periódica.

art. 3º desta Lei, prestar aos filhos assistência moral, seja por convívio, seja por visitação periódica, que permitam o acompanhamento da formação psicológica, moral e social da pessoa em desenvolvimento. § 3º. Para efeitos desta Lei, compreende-se por assistência moral devida aos filhos menores de dezoito anos:

I – a orientação quanto às principais escolhas e oportunidades profissionais, educacionais e culturais;

II – a solidariedade e apoio nos momentos de intenso sofrimento ou dificuldade;

III – a presença física espontaneamente solicitada pela criança ou adolescente e possível de ser atendida.

A tia (2018) afirmou que ele (Aluno B) tem muitos amigos, tanto na vizinhança como na escola. E que não o deixa solto e nem sozinho na rua, sempre fica atenta com relação a ele. A mesma informou também que leva e busca na escola todos os dias. Ainda acrescentou que *“no final de semana ela fica com ele, tem vezes que ela vai trabalhar no sábado, tem vezes que ela não trabalha aí quando ela trabalha no sábado e chega mais cedo ela pega ele e só me devolve na segunda. Mas ele no domingo tá lá em casa. Não fica muito tempo longe não. Quer queira quer não, a família também ajuda, porque eu oriento mesmo, dou bronca, quando precisa eu bato, acabo fazendo o papel de mãe também. Eu acho que é por isso que ele tá assim mais calmo, eu acho que seja isso, porque quando ele vai pra casa, ele já vai chorando, porque na casa dele não tem ninguém pra brincar e a gente mora perto, ele diz que vai pegar as roupas e vai morar lá em casa. Mas eu também me apeguei ao danadinho. Eu gosto dele mesmo”.*

Em casais em que é impossível esse consenso porque não há harmonia isso tem de ser terceirizado. Isto é, é preciso fazer com que a combinação venha por intermédio do avô, da avó, de outra pessoa que faz a ponte para que a formação do filho se sobreponha ao confronto existente (CORTELLA, 2017, p.38).

Percebe-se nesse contexto, que a “educação e acompanhamento” da vida do Aluno B, foi transferida de certa forma para a tia. Pois, a mesma é quem passa a maior parte do tempo com a criança.

Além disso, houve mudanças significativas com essa aproximação, mudanças estas, que beneficiaram o Aluno B.

5.2.2. Comportamento da criança

A tia (2018) iniciou o depoimento, fazendo a seguinte ressalva: *“teve um tempo que ela falava muito que ele não obedecia, que ele não se comportava em lugar nenhum, aí a gente conversou sobre tudo, a gente foi orientando e então ele tá melhorando. Hoje em dia ele tá melhor. E parecia que ele era imperativo, ele não ficava quieto em um canto, ele não parava, ia para os lugares tinha que tá atrás dele, chamava e ele não ouvia. Mais já tá bem melhor, mais já foi perturbadinho já, agora ele tá bem mais compreensivo. Acho que vai fazer uns 2 anos esse ano que ele tá comigo, to colocando ele nos eixos. Antes ele ficava na época com uma moça que a mãe pagava pra ficar com ele. Mas a moça foi embora. Até que eles se davam bem. Mais ele era mais danadinho, era teimoso e desobediente, coisa de criança mesmo, quando ele era menor. Mais agora tá sossegadinho graças a Deus”*.

Observa-se que devido ao trabalho da mãe, a mesma contratou na época alguém para cuidar do Aluno B dentro de casa. Porém, a tia reforça que na época a criança estava muito desobediente e inquieto. A tia até frisou durante a entrevista, que esse comportamento era porque faltava a presença do pai. Contudo, de acordo com Tiba (2006, p.77):

Diz a sabedoria popular que adulto trabalha e criança brinca. Só que a filha pode interpretar essa súbita interrupção de um modo diferente do que a mãe desejava. Ela pode sentir-se, de repente, triste e abandonada - como se não tivesse registrado a convivência anterior, só o abandono. A criança quer companhia, e é natural que ela reaja quando a mãe se afasta. A maneira de a criança lutar para manter a

companhia pode ser interpretada erradamente como algo ruim como birra, birra etc.

Dessa forma, como a mãe trabalhava o dia inteiro, não tinha muito tempo para ficar com o filho, deixando-o com a babá. Tais comportamentos, segundo a tia, eram formas dele dizer “mãe, estou aqui!”. Atualmente, ele continua dizendo essa mesma frase, mesmo que inconscientemente. Porém, com uma menor frequência e intensidade, visto que a tia possui uma presença ativa e participativa em sua vida.

5.2.3. Visão da tia sobre a aprendizagem do sobrinho e a escola

Em relação à aprendizagem, a tia (2018) deixa evidente que acompanha o desenvolvimento do Aluno B, inclusive, a mesma que o ensina as tarefas de casa. Além disso, ela relatou que *“tem coisas que ele ta igual o meu filho, tem coisas que ele não sabe a gente explica e ele demora a entender, ai começa a chorar, ai a gente da um tempo e depois ele para de chorar. A gente começa a fazer e ele faz, só quando ele não conhece o assunto ai ele começa a chorar. O estudo tava indo bem, tava bom, já tava começando ler, eu ajudava, ele lia e acertava”*. Todavia, ela complementou *“quem assina a agenda é a mãe quando chega, eu ensino o dever e quem assina a agenda é a mãe. Ela acompanha, eu faço e quando ela chega em casa ela olha e assina a agenda”*.

No que diz respeito à relação com a escola, a tia (2018) frisou que *“o relacionamento com a professora dele tava bom, eu sempre perguntava quando vinha trazer ele, ela dizia que ele era um menino bom mais ele conversa, ela manda a observação na agenda ai a gente vai orientando e graças a Deus ele tava melhor, ela brincava com ele de cosquinha essas coisas, tava bom ele tava gostando. Ele nunca comentou não que não estava gostando. Eu tenho sim uma observação da escola, porque essa falta de aula prejudica muito a ele, tem quase 15 dias que eles estão sem professora. só isso. Com os professores pra mim tava bom, não tava ruim não, porque também infelizmente a educação e saúde ta um terror, ai o que vier, o que deu pra aproveitar, a gente orientar em casa e ele fazer a parte dele na escola. Porque tem aquela coisa, tem gente que quer alguma coisa e tem gente que não quer, quando a gente quer a gente aproveita o que tem, então vamos aproveitando o que ta dando e bola pra frente. Tem também reunião escolar entre pais e*

professores, e tem muitos pais que não vem por conta do horário, ai se colocasse em um horário que desse pra todo mundo estar na escola seria bem melhor”.

Apesar de não ser mãe, a tia demonstra muita preocupação com a aprendizagem do Aluno B, por ser presente no seu contexto escolar, questionando, observando, incentivando-o e orientando.

“Sempre venho à escola saber dele! A relação ideal da família com a escola é o acompanhamento dos pais na escola, conversando sempre com os professores pra ver como é que ta os filhos, que a gente não sabe, quem sabe é os professores, ai tem que vir pra orientar, pra ver como ele esta, eu sempre venho pra sempre ir acompanhando. Eu acho que se colocar ele em colégio particular ele melhora, e principalmente no começo, eu acho que era pra ele ir mais rápido nas coisas porque lá os professores têm mais paciência e atenção porque ta pagando né? Ai a atenção é outra, o aprendizado é outro, eu ainda acho que ele tem uma dificuldade em algumas coisas no aprendizado, pela idade dele que já era pra ta lendo direitinho que ele ta com 7 anos e ele não ler direito de jeito nenhum, tem letras que ele não entende. Eu acho que o aprendizado dele ta meio devagar ainda. Ele faz todas as atividades de casa, às vezes até sozinho! Porque quando a professora explica o assunto... Quando eu vou ajudar ele, ele diz, já sei a professora explicou lá. E depois que ele termina eu olho e tá certo” (TIA, 2018).

Ou seja, a tia compara o ensino da instituição particular com o ensino de escola pública, atribuindo o “atraso” do sobrinho somente ao sistema educacional. Sem levar em consideração, todos os outros fatores que podem contribuir para isso.

Segundo Zane (2013, p. 20):

Os responsáveis precisam reconhecer que a função da escola não se restringe somente em transmitir conhecimentos, mas proporcionar condições de formar alunos críticos e participativos na sociedade, e nesse espaço de socialização do conhecimento científico, os alunos não aprendem igualmente.

Assim, é perceptível que a tia faz comparações entre o filho e o sobrinho, porém, é nítido que cada criança possui seu tempo e sua forma de aprender. O fato do Aluno B está em um desenvolvimento para tia tido como “fraco”, não quer dizer que ele não esteja aprendendo. Pois, a partir do momento que uma criança é ativa em sala de aula, autônoma e participativa, isso demonstra que a mesma aprende de

maneira significativa. No próximo relato, veremos a opinião do Aluno B, que porventura, demonstrou ser bem participativo.

5.2.4. Depoimento do Aluno B

No período da coleta do depoimento do Aluno B, a turma estava sem professora. A nova professora chegou dois dias após a entrevista. Por isso, o Aluno B chegou à escola acompanhado da tia somente para a entrevista, o mesmo chegou a escola, dizendo que queria que as aulas voltassem logo. Pois preferia estar na escola do que em casa.

Pesquisadora - Você gosta da escola?

Aluno B - *Gosto! Muito, muito, muito, muito, muito... Eu gosto de estudar E do dever de casa porque é melhor. E eu gosto mais de matemática.*

Pesquisadora – O que você mais gosta na escola?

Aluno B - *O que mais gosto na escola é do lanche, brincar e estudar. Brinco de bola, pega-pega, pular corda, gosto do dever e dos meus amigos.*

Pesquisadora – Quem lhe traz para escola?

Aluno B - *Quem vem me trazer e me buscar é minha tia, tem vezes que é a minha mãe algumas vezes quando ela chega cedo, agora ela ta chegando cedo, ela ta saindo de lá 4:00hs e chega aqui umas 5:00hs.*

Pesquisadora – Como é seu comportamento aqui na escola?

Aluno B - *Meu comportamento é... Não sei! 8, 7, 6, 5 (ele disse os numerais, pois a avaliação que a professora colocava na agenda era por meio de nota). O mais baixo foi 2, 3 Só! Porque eu conversava muito. Mas eu gostava da professora que saiu! Eu vi ela hoje.*

“Minha tia fica lendo e eu faço o dever de casa sozinho e depois ela olha. Não saio sozinho de casa! Saio às vezes, pra pedir água pra minha tia, na mercearia. Vou com o cachorro da minha tia, ele é bravo. Moro com a minha mãe! Quando a gente ta em casa gosto de assistir televisão. Qualquer coisa, desenho. Gosto De ir pra rua também com minha mãe e gosto de ficar com minha tia. Eu gosto de ficar mais com ela do que com minha mãe (ALUNO B, 2018)”.

Com a fala do Aluno B, contata-se que a casa que ele mora com a mãe não é um espaço de convivência. Caso fosse, ele não o trocaria pelo lar da tia. Diante de tal aspecto, cabe à mãe criar situações, administrando bem o tempo que

lhe é disponível, para dar a devida atenção ao seu filho. É necessário eleger como já discutido, a prioridade. Segundo Cortella (2017, p.58):

Esse nomadismo exagerado tem um reflexo que é o fato de o território da família, que é a casa, deixar de ser um espaço de convivência, é um espaço apenas de vivência. “É lá que eu durmo”, “é lá que eu tomo banho”, “é lá que eu como quando tenho fome”.

O Aluno B (2018) explicou o porquê gosta mais de ficar com a tia, do que com a mãe. *“Sabe por que eu gosto? Porque lá tem gente pra mim brincar e lá em casa não tem, o meu primo de 4 anos fica me chamando de irmão, eu gosto de ficar brincando com meu primo o que vai fazer 10 anos. Brincar de bola de gude com meu primo que vai fazer 10 anos e o meu primo ele não deixa, o pequeno, ele quer ficar brincando comigo de carro, ai hoje de manhã ele chorou porque ele só vem pra atrapalhar eu brincando mais meu primo. Gosto de caçar pipa, jogar bola, pular corda, brincar de pega-pega, pique-alto, cola-descola, na rua. Meu tio que é marido da minha tia ele trabalha, só chega de noite”.*

Em vista disso, lhe foi questionada a respeito do pai, foi então que ele (Aluno B) transpareceu certa indiferença quando o mesmo citou que *“meu pai minha mãe botou na justiça porque ele não tava querendo dar o dinheiro certinho, se ele não pagasse ele ia ser preso, aí ele pagou. Ele pagou 5 e dois 0 (500). Não saio e nem converso com meu pai, ele não quer! Só quando eu posso eu dou a benção a ele. Mas, não gosto dele e não sinto falta. Aí quando eu falo: mãe a senhora tem quanto de dinheiro do meu pai? Ela falou, 400, ai eu queria o álbum da minha figurinha de jogadores de futebol de R\$4,00 e ela não quis me dar. Comprei depois porque minha tia comprou”.* Apesar disso, o Aluno B, demonstra ser uma criança forte, mesmo sentindo a falta e o abandono do pai, lhe é ofertado muita atenção e carinho pela tia e pela mãe, que mesmo trabalhando muito para criar o filho mostra ser batalhadora e na medida do possível, presente na vida do filho.

5.2.5 Visão da Equipe Escolar

❖ Professora

A princípio a professora (2018) disse que *“já tive contato com a mãe dele e ela me contou que trabalha. No tempo que ela veio aqui na escola ela estava de férias, ai foi por isso que ela pode vim aqui. Ela me contou que trabalha e que ele*

ficava na casa da tia, só isso. Ele já relatou que não gostava da mãe, ele fala muito que gosta muito da tia, tudo que você pergunta a ele, tudo ele diz a tia. Eu nunca perguntei sobre o pai, então ele nunca falou nada sobre os pais não, nem se tinha um irmão, nada. Tanto é que quem vem trazer e buscar ele na escola é a tia”.

Quanto ao comportamento dele em classe, ela comunicou que *“ele é ótimo, é comunicativo, brincalhão, perfeito, um amor de pessoa! Com alguns colegas, às vezes, coisa normal de criança tem alguns atritos, mas a maioria também se dão super bem. Ele é uma criança ótima, uma criança que chama a sua atenção, que faz com que você crie um carinho por ele muito grande, dá pra perceber as vezes que ele é carente, ele se aproxima de você mais ao mesmo tempo ele tem uma resistência, ele não é de esta com muito mimimi, muita coisinha, mais ele gosta de ser abraçado, ele gosta de receber atenção e ele é uma criança amável! O comportamento dele é normal! Ele responde todas as atividades propostas, ele copia do quadro, ele faz leitura, assim, ele é um pouco inquieto, ele não é aquela criança que consegue sentar e ouvir, ele gosta de debater, ele gosta de levantar pra ir lá mostrar que ele tem que mostrar, ele é bem ativo, é uma criança normal” (PROFESSORA, 2018).*

Desde o início ele apresentou um comportamento mais tranquilo, porém a aprendizagem ainda é fraca. Para realizar algumas atividades ele era muito disperso, precisava sempre chamar a atenção dele. Hoje ele está bem melhor (Professora Assistente de Alfabetização, 2018).

Ainda a professora (2018) relata que *“comparado aos demais da turma, está avançado, porém, pra série dele está normal, um desenvolvimento adequado. Ele já consegue ler palavras com sílabas pequenas, ele escreve perfeitamente, tem atividades que ele já consegue responder sozinho. Então de acordo com a série dele, não está ótimo, mais está bom. Ele é muito atento nas aulas, ele conversa bastante também, mas é muito atento, então qualquer coisinha que você pergunta ele quer responder, ele quer mostrar que ele sabe e ele responde. Todos os dias ele faz a agenda, vem assinada, vem bonitinha”.*

A mesma menciona e demonstra preocupação, ao falar que a turma não está no mesmo desenvolvimento que o do Aluno A, e alega que devido à correria, o olhar do professor em sala de aula, fica mais voltado a quem mais necessita de atenção (os que têm mais dificuldades), por vezes esquecendo-se dos que estão

avançados para a turma. “Porque a gente olha mais aquele que não tira do quadro, não escreve, não ler, não sabe o que é um “A”, aí com certeza essas crianças a gente vai dar mais atenção, e isso acaba desfavorecendo ele (Aluno B). Pronto, na turma da manhã, do 2º ano da manhã já são crianças mais desenvolvidas, são crianças assim do nível dele até um pouco mais e com certeza se ele tivesse naquela turma seria perfeito, ele iria se desenvolver bem melhor. Não é por causa do turno, é que os alunos da manhã não só do 2º ano, mais é porque foi separado, foi sistema da escola ser separado, então os alunos da manhã tem um desenvolvimento melhor, são alunos mais pra frente quando diz respeito à aprendizagem, por isso que se ele tivesse na turma da manhã seria ótimo. Quando ele foi trazido pra tarde eu não ficava com a turma, então eu não sei o porquê a professora antiga dele optou em colocá-lo à tarde, se ele continuar nessa turma da tarde eu imagino que seja porque a turma da manhã já esteja cheia, porque se por um acaso já tivesse vaga pela manhã, o necessário seria que ele estivesse pela manhã” (PROFESSORA,2018).

O quadro abaixo é o resultado de uma lista de verificação que aponta sinais de dificuldades de aprendizagem. A lista completa está no Anexo C, onde a mesma foi respondida pela antiga professora do Aluno B, de acordo com o que ele apresentava durante a convivência em sala de aula.

Quadro 2: SINAIS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.

ALUNO B		
<p><u>Linguagem falada ou escrita</u></p> <p><input type="checkbox"/> Escrever histórias e textos</p>	<p><u>Atenção e concentração</u></p> <p><input type="checkbox"/> Esperar <input type="checkbox"/> Relaxar</p>	<p><u>Comportamento social</u></p> <p><input type="checkbox"/> Impulsividade <input type="checkbox"/> Tolerância à frustração</p>

Fonte: Anexo C.

Torna-se pertinente salientar que esta lista não pode ser utilizada como diagnóstico e nem como recurso de investigação de maneira isolada. Porém, pode ser aplicada por professores e pais para analisar como está o desenvolvimento do aluno/filho. Além de servir de alerta quando o quantitativo é extremo. No caso do

Aluno B, de cinquenta e sete sinais, este possui apenas cinco, ou seja, menos de 10% do total. Sua aprendizagem não está satisfatória, mas acredito que os fatores que atualmente dificultaram esse atraso, foi o ambiente escolar. Pois, o aluno apresenta um desenvolvimento considerável para a sua idade.

O uso da lista de verificação no caso de alunos que apresentam poucas dificuldades pode ser direcionado a fim de minimizar os sinais já existentes. É um instrumento que pode auxiliar o professor como ferramenta que possibilita ter ciência das necessidades dos seus alunos de maneira mais específica. Outra observação relevante, é que a professora passou mais de seis meses com a turma, ou seja, tempo indicado de observação do aluno, para que tais sinais possam ser considerados frequentes. De qualquer forma, é necessário que pais e professores ao notar sinais persistentes, procurem um especialista na área, pois, é quem irá analisar e compreender de fato, como ocorre à manifestação de tais aspectos, e se podem ou não ser preocupantes a formação da criança.

Para Piletti (2009, p.150) “é evidente que com salas abarrotadas de aluno o trabalho do professor se torna mais difícil. O número de alunos deve possibilitar ao professor um atendimento individual, baseado num conhecimento profundo de todos eles”.

Como já mencionado, a turma em que o Aluno B está inserido, é dos três segundos anos da escola, a que mais tem alunos com dificuldades de aprendizagem. Ou seja, em nível de conteúdo e aprendizagem, é uma turma com bastante diversidades de problemas. O Aluno B, é um dos poucos alunos dessa classe que estão lendo, porque quando a professora de leitura começou a trabalhar com turmas fragmentadas, literalmente ele progrediu significativamente. Tanto que, atualmente ele não faz mais o reforço.

Fatores como estes citados, influenciam e dificultam uma aprendizagem de qualidade. De certa forma, o Aluno B poderia ter retrocedido devido à sala de aula que o mesmo se encontra, mas a situação dele está bem estável, apesar de não estar satisfatória para idade-série, é um desenvolvimento relevante.

❖ **Coordenadora pedagógica e Direção**

Ambas não tinham informações nenhuma sobre o contexto familiar do aluno, nem sobre sua aprendizagem. Mas, informaram que é um bom aluno, e que só ouve elogios a respeito dele.

O Aluno B apresenta um quadro de abandono paternal. O que de fato, causou nele há alguns anos uma alteração em seu comportamento, Por saber que o pai mora perto dele, mas, não o procura. Durante a entrevista com ele, foi perceptível um olhar triste ao falar sobre o pai, ele abaixava a cabeça, demonstrava frieza e antipatia, mas ao mesmo tempo demonstrava a ausência, a falta que sentia.

No período de observação, o aluno demonstrou em sala, ser bem comunicativo e participativo com os colegas e com a professora, ajuda quando preciso, faz as atividades com autonomia, é o primeiro a terminar os exercícios, copia e está lendo palavras simples e apresenta um bom desenvolvimento oral. Em alguns momentos, quando contrariado, é perceptível uma alternância no tom de voz, dependendo da situação, ele apresenta uma irritabilidade considerável. Assim, o comportamento acentuado comentado pela a tia, não desapareceu totalmente. Porém, é mais passível que anteriormente.

Comparando os dois casos, podemos perceber que de fato, um possui uma desestruturação familiar mais presente que é o Aluno A, e que unido ao seu distúrbio, provoca entraves na aprendizagem e conseqüentemente, no comportamento e desenvolvimento. Todavia, o Aluno B apesar do abandono paternal, tem encontrado no lar da tia, um espaço de convivência, um ambiente estruturado que tem o ajudado no controle de seu comportamento, possibilitando dessa maneira uma aprendizagem mais significativa, devido às condições de acolhimento e acompanhamento.

Portanto, ambas as famílias tem enfrentado desafios distintos, porém, com efeitos significativos aos envolvidos, principalmente por se tratar de crianças em fase de desenvolvimento. No entanto, reverter à situação existente, vai muito além dos muros da escola. Sabe-se que, não é uma tarefa irreversível quando essas duas esferas (família e escola) possuem o mesmo ideal, que é o desenvolvimento integral da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como ocorre entaves na aprendizagem em crianças que possuem o núcleo familiar desestruturado, seja por questões financeiras, sociais, culturais ou psicológicas. Diante disso, verifica-se que um lar estruturado e que oferece condições plenas para um bom desenvolvimento da criança, possibilita uma aprendizagem significativa, e conseqüentemente, um bom desempenho no contexto escolar e na vida.

Ao realizar a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso com dois alunos em contextos diversificados, constatou-se que, de fato a base mais importante da vida de um sujeito é a família. Pois, é esta a instituição, que promove os primeiros saberes, os primeiros laços afetivos, estabilidade física, emocional, psicológica e espiritual do ser humano. Logo, a mesma influencia aspectos como a formação e o desenvolvimento da personalidade e do caráter.

A escola surge nesse contexto, como unidade de ensino complementar a formação do indivíduo, promovendo a escolarização, preparando para cidadania e para o trabalho. Porém, com as transformações ocorridas nesta esfera e na sociedade, algumas famílias têm transferido para a escola aspectos primordiais de sua competência. Tal posicionamento tem sobrecarregado a instituição escolar com um número crescente e significativo de crianças com dificuldades de aprendizagem. Contudo, é imprescindível a participação familiar no âmbito educacional, uma vez que, sem o auxílio da mesma, a escola fracassará no processo de escolarização.

Para tanto, conclui-se que, a pesquisa foi muito produtiva e servirá como um instrumento de reflexão para pais e professores. Visto que, para ajudar a criança é preciso compreender o contexto que ela está inserida. Neste âmbito, a escola deve aproximar os pais do contexto escolar dos filhos, mostrando-os não só o dever enquanto pais, mas reforçando que suas escolhas, podem influenciar seus filhos tanto positivamente, quanto negativamente. Reforçando principalmente os malefícios que a falta de postura e comprometimento com a aprendizagem do aluno/filho trará ao futuro da criança.

Em alguns casos, as sequelas surgem de imediato, em outros ela se dá progressivamente, com reflexos mais acentuados no período da adolescência. Prevenir tais adventos é uma missão que deve ser feita a seis mãos (o pai, a mãe e

a escola). Quando os protagonistas principais da educação da criança estão interligados e em sintonia demonstrando coerência, o aluno sente-se seguro e confiante ao enfrentar os desafios propostos. Portanto, o mesmo entende que não está sozinho e que existem pessoas que se interessam e se preocupam com seu desenvolvimento e bem-estar.

Neste interim, dada à importância do assunto, torna-se necessário salientar que as vantagens da presença ativa da família na vida e na aprendizagem do aluno trazem benefícios que penduram para o resto da vida, bem como, a ausência, abrem lacunas existenciais e duradouras.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Sueli de Fátima. **Aprendizagem e suas implicações no processo educativo**. Ícone – Revista de Letras, Goiás, v. 6, n. 1, 2010.
- ANTONY, Sheila, RIBEIRO, Jorge Ponciano. **A Criança Hiperativa: Uma Visão da Abordagem Gestáltica**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 20 n. 2, Brasília: 2004.
- BIRMAM, Joel. **Laços e desenlaces na contemporaneidade**. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 40(72): 47-62, jun. 2007.
- CASARIN, Nelson E. F.; RAMOS, Maria B. J. **Família e aprendizagem escolar**. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 24, n. 74, 2007.
- CORRÊA, Aline V.; EMER, Simone de O. **Harmonia na família: utopia ou possibilidade**. Caxias do Sul, 2010.
- COSTA, Dania Monteiro Vieira. **O trabalho com a linguagem oral na educação infantil**. UFES. Vitória-ES: 2012.
- CORIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do desenvolvimento**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Família: urgências e turbulências**. São Paulo: Cortez, 2017.
- COUTO, Taciana de Souza et al. **Aspectos neurobiológicos do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): uma revisão**. Ciências & Cognição Vol.15 (1), Recife: 2010.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. **Psicologia da educação**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- DROUET, Ruth C. R. **Distúrbios da Aprendizagem**. 4ªed. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- FELIPPI, Geisa, ITAQUI, Luciara G. **Transformações dos Laços Vinculares na Família: Uma Perspectiva Psicanalítica**. Pensando Famílias, 19(1), jun. 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.
- PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.
- LIMA, Ana Lúcia. **A ausência familiar e suas repercussões na construção da aprendizagem de crianças institucionalizadas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa: 2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, R. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual qualitativa**. Ciência e Educação, Porto Alegre: PUCRS; v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 17ª ed. São Paulo: Editora Afiliada, 2009.

SADOVNIK, S. et al. **A interrelação família-escola na formação de filhos/alunos**. PERSPECTIVA, Erechim. v.37, n.140, p. 83-92, dezembro/2013.

SANTANA, Clara V. M. de O. R. **A família na atualidade: novo conceito de família, novas formações e o papel do IBDFAM (Instituto Brasileiro de Direito de Família)**. Universidade Tiradentes – UNIT., Aracaju: 2015.

SOUSA, Jacqueline P.; **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**. 2012. 20f. Especialização (Psicopedagogia Clínica e Institucional). Universidade Estadual Vale do Acaraú, INESC – Instituto de Estudos Superiores do Ceará: Pró-Reitoria de Educação Continuada. Fortaleza, 2012.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. Novos paradigmas – Ed.rev.atual.e ampl. – São Paulo: Integrare Editora, 2006.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 1ª ed. São Paulo: Editora Gente,1996.

SITES ONLINE

BRASIL. **Constituição dos estados unidos do brasil (de 10 de novembro de 1937)**. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm> Acesso em: 06 de Abril de 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp> Acesso em: 06 de Abril de 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 2015. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_26.02.2015/art_226_.asp> Acesso: 06 de Abril de 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 2017. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_atual/art_229_.asp> Acesso em: 06 de Abril de 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 2017. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_atual/art_227_.asp> Acesso em: 06 de Abril de 2018.

BRASIL. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990**. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 06 de Abril de 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 2005. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>> Acesso em: 06 de Abril de 2018.

BRASIL. **PROJETO DE LEI DO SENADO nº. 700 , de 2007**. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/arquivo_artigo/art20100222-04.pdf> Acesso em: 25 de Outubro de 2018.

CAFÉ FILOSÓFICO CPFL. **A evolução da família | Joel Birman**. 2017. 43:37min, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=74uaghhoxns>> Acesso em: 06 de Abril de 2018.

MORAES, Juliana; HAKIME, Raphael. **IBGE: divórcios sobem, casamentos caem e brasileiro tem menos filhos**. 2017. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/ibge-divorcios-sobem-casamentos-caem-e-brasileiro-tem-menos-filhos-14112017>> Acesso em: 14 de Abril de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista para equipe pedagógica da escola.

**Sociedade de Ensino Superior Amadeus – SESA
Faculdade Amadeus - FAMA
Curso de Pedagogia**

**PESQUISA: DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de
aprendizagem das crianças**

Juliana Oliveira dos Santos

Orientadora: Prof^ª. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

ENTREVISTA COM A EQUIPE PEDAGÓGICA

1. A escola sabia do contexto familiar do aluno A? Se sim, quem participou a escola? E o que a família relatou?
2. O que eles informaram em relação ao comportamento da criança?
3. Qual a atitude que a escola tomou frente a essa situação?
4. A professora relata frequentemente as atitudes do aluno A? Qual o procedimento realizado perante tal relato?
5. Qual a opinião da escola em relação ao caso desse aluno?
6. Algo a acrescentar?

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista para os professores.

**Sociedade de Ensino Superior Amadeus – SESA
Faculdade Amadeus - FAMA
Curso de Pedagogia**

**PESQUISA: DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de
aprendizagem das crianças**

Juliana Oliveira dos Santos

Orientadora: Prof^a. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

1. Professora, o que você espera por parte dos pais em relação à:
 - 1.1 Escola
 - 1.2 Professora
 - 1.3 Na Turma
 - 1.4 A vida escolar dos filhos.
 - 1.5 Na aprendizagem dos filhos.
1. Como é o comportamento da criança com você? E com os colegas? E com os pais?
2. Ela (e) sempre agiu assim? Se não, quando começou?
3. Como está o desenvolvimento da aprendizagem?
4. É participativa (o)?
5. O que a criança fala sobre a família?
6. Quais informações você possui sobre o contexto familiar da criança?
7. Quem vem trazer e buscá-lo na escola?
8. Faz a tarefa de casa? Com frequência?

9. Algo mais para acrescentar? Alguma observação que não lhe foi questionada (o)?

10. RESPONDER A LISTA DE VERIFICAÇÃO (ANEXO C).

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista para os pais dos alunos.

**Sociedade de Ensino Superior Amadeus – SESA
Faculdade Amadeus - FAMA
Curso de Pedagogia**

**PESQUISA: DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de
aprendizagem das crianças**

Juliana Oliveira dos Santos

Orientadora: Prof^ª. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

ENTREVISTA COM OS PAIS DO ESTUDO DE CASO

1. Sua Idade? ___ Sexo? _____
2. Quantos anos tem seu (sua) filho (a)? Sexo?
3. Número de pessoas que convivem no mesmo lar?
4. Trabalha? Se sim, em quê?
5. E o seu cônjuge?
6. Quanto tempo seu (sua) filho (a) estuda nessa escola?
7. Como é o seu relacionamento com seu cônjuge? (boa, ótima ou regular) E porque você considera isso?
8. Como é seu relacionamento com seu (sua) filho (a)?
9. Você planejou o nascimento dele (a)? Como aconteceu?
10. O que você acha sobre as atitudes e comportamento do seu (sua) filho (a)?
11. E a relação com os colegas? Ele (a) tem muitos amigos?
12. Porque você acredita que ele (a) é age de tal maneira?
13. Você ajuda seu filho (a) a fazer o dever de casa?
14. Como você acha que está à aprendizagem de seu filho (a)?
15. Você acompanha o que ele (a) faz na escola através do caderno, agenda e das atividades de casa?
16. Como é seu relacionamento com a professora? E com a escola?

17. A senhora vem sempre a escola? E quando vem, é por qual motivo? Em que situação já foi chamado a comparecer na escola?
18. Para você, como seria uma relação ideal entre a família e a escola?
19. Tem algo que em sua opinião a escola poderia fazer e não faz?
20. Quem vem buscar seu filho (a) na escola?
21. Ele sai sozinho (a) de casa?
22. Algo mais para acrescentar? Alguma observação que não lhe foi questionada (o)?

APÊNDICE D – Roteiro da entrevista das crianças.



**Sociedade de Ensino Superior Amadeus – SESA
Faculdade Amadeus - FAMA
Curso de Pedagogia**

**PESQUISA: DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de
aprendizagem das crianças**

Juliana Oliveira dos Santos

Orientadora: Prof^ª. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

1. Crianças, o que vocês acham da escola?
2. Vocês gostam de vir para escola?
3. Quem traz vocês para escola? E quem vem buscar?
4. O que você mais gosta de fazer na escola?
5. Como é o seu comportamento na escola?
6. Você acha que é um bom aluno?
7. Você gosta da sua professora?
8. Quem te ajuda a fazer o dever de casa?
9. Seus pais vêm sempre à escola? Se sim, por quê?
10. Você sai sozinho (a) de casa?
11. Você tem muitos amiguinhos?
12. Com quem você mora?
13. E em casa, o que vocês mais gostam de fazer?
14. Com quem vocês moram?
15. Do que vocês não gostam quando está em casa?
16. Seus pais brincam com você em casa? Do que vocês brincam?
17. Conte-me mais sobre sua família?

ANEXOS

ANEXO A - TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

**Sociedade de Ensino Superior Amadeus – SESA
Faculdade Amadeus - FAMA
Curso de Pedagogia**

**PESQUISA: DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de
aprendizagem das crianças**

Juliana Oliveira dos Santos

Orientadora: Prof^ª. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

A presente pesquisa é sobre Desestruturação Familiar: implicações no processo de aprendizagem das crianças e está sendo desenvolvida por Juliana Oliveira dos Santos, do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus - FAMA, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira. O objetivo do estudo é investigar os problemas provenientes da desestruturação familiar no desenvolvimento escolar da criança, bem como os malefícios da falta de participação dos pais no contexto escolar dos filhos. A finalidade deste trabalho é contribuir para uma reflexão sobre os procedimentos envolvidos no trabalho pedagógico da escola com as famílias e conseqüentemente com as crianças, de modo a promover efeitos como a compreensão de uma participação efetiva das famílias no contexto escolar das crianças, favorecendo o desenvolvimento da aprendizagem.

Solicitamos a sua colaboração para preenchimento de questionário e entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações

e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

As entrevistas com as crianças e com os adultos do estudo de caso serão individuais. Dessa forma, ocorrerão no espaço da escola, no horário escolhido por ambas as partes. As entrevistas serão preferencialmente, gravadas em áudio.

Assinatura da pesquisadora responsável

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação e dos procedimentos, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Nossa Senhora do Socorro - SE , ____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Juliana Oliveira dos Santos. Telefone: (79) 99139-2422 ou para a Faculdade Amadeus- FAMA - Endereço: R. Estância, 937 - Centro, Aracaju - SE, 49010-450 Telefone: (79) 2105-2039.

Adaptado de: EBSE RH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares – Ministério da Saúde. Disponível em: <ebserh.gov.br/.../MODELO...TERMO...CONSENTIMENTO.../3212c122-a144-441f-...>. Acesso em: 10 de Maio de 2018.

ANEXO B - TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido II.

**Sociedade de Ensino Superior Amadeus – SESA
Faculdade Amadeus - FAMA
Curso de Pedagogia**

**PESQUISA: DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de
aprendizagem das crianças**

Juliana Oliveira dos Santos

Orientadora: Prof^ª. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Para menor de idade**

Prezado (a) Senhor (a)

A presente pesquisa é sobre Desestruturação Familiar: implicações no processo de aprendizagem das crianças e está sendo desenvolvida por Juliana Oliveira dos Santos, do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus - FAMA, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira. O objetivo do estudo é investigar os problemas provenientes da desestruturação familiar no desenvolvimento escolar da criança, bem como os malefícios da falta de participação dos pais no contexto escolar dos filhos. A finalidade deste trabalho é contribuir para uma reflexão sobre os procedimentos envolvidos no trabalho pedagógico da escola com as famílias e conseqüentemente com as crianças, de modo a promover efeitos como a compreensão de uma participação efetiva das famílias no contexto escolar das crianças, favorecendo o desenvolvimento da aprendizagem.

Portanto, gostaria de solicitar sua autorização para realizar uma entrevista individual com seu (sua) filho (a). Informo que a entrevista acontecerá no espaço da escola, no horário escolhido por ambas as partes.

As informações pessoais do seu (sua) filho (a) serão preservadas, sendo assim, o mesmo não será identificado (a) no trabalho. Não existindo assim, nenhum risco para o seu (sua) filho (a).

Assinatura da pesquisadora responsável

Nossa Senhora do Socorro - SE , ____ de ____ de ____

Nome da criança: _____

Assinatura do responsável legal

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Juliana Oliveira dos Santos. Telefone: (79) 99139-2422 ou para a Faculdade Amadeus- FAMA - Endereço: R. Estância, 937 - Centro, Aracaju - SE, 49010-450 Telefone: (79) 2105-2039.

Adaptado de: EBSEH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares – Ministério da Saúde. Disponível em: <ebserh.gov.br/.../MODELO...TERMO...CONSENTIMENTO.../3212c122-a144-441f-...> Acesso em: 10 de Maio de 2018.

ANEXO C – Lista de verificação sobre as dificuldades de aprendizagem.



Sociedade de Ensino Superior Amadeus – SESA
Faculdade Amadeus - FAMA
Curso de Pedagogia

PESQUISA: DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de
 aprendizagem das crianças

Juliana Oliveira dos Santos

Orientadora: Profª. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

LISTA DE VERIFICAÇÃO

Lista de verificação

Conjunto de sinais que podem ser indicadores de DA

O indivíduo tem problemas em:

<p><u>Organização</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Conhecer as horas, os dias da semana, os meses e o ano. <input type="checkbox"/> Gerir o tempo <input type="checkbox"/> Completar tarefas <input type="checkbox"/> Encontrar objectos pessoais <input type="checkbox"/> Executar planos <input type="checkbox"/> Tomar decisões <input type="checkbox"/> Estabelecer prioridades <input type="checkbox"/> Sequencializar a ação <p><u>Coordenação motora</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Desenhar <input type="checkbox"/> Escrever <input type="checkbox"/> Subir e correr <input type="checkbox"/> Desportos <p><u>Linguagem falada ou escrita</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Aquisição da fala <input type="checkbox"/> Articular <input type="checkbox"/> Aprender vocabulário novo <input type="checkbox"/> Encontrar as palavras certas <input type="checkbox"/> Rimar palavras <input type="checkbox"/> Diferenciar palavras simples <input type="checkbox"/> Leitura e/ou escrita (dá erros frequentes tal como reversões (b/d), inversões (m/w), transposições (ato/ota) e substituições (carro/cama) <input type="checkbox"/> Seguir instruções 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Contar histórias <input type="checkbox"/> Discriminar sons <input type="checkbox"/> Responder a perguntas <input type="checkbox"/> Compreender conceitos <input type="checkbox"/> Compreensão da leitura <input type="checkbox"/> Soletrar <input type="checkbox"/> Escrever histórias e textos <p><u>Atenção e concentração</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Completar tarefas <input type="checkbox"/> Agir depois de pensar <input type="checkbox"/> Esperar <input type="checkbox"/> Relaxar <input type="checkbox"/> Manter-se atento (sonhar acordado) <input type="checkbox"/> Distração <p><u>Memória</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Recordar instruções 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Reter matérias novas <input type="checkbox"/> Aprender o alfabeto <input type="checkbox"/> Transpor sequências numéricas <input type="checkbox"/> Identificar sinais aritméticos (+, -, x, :, =) <input type="checkbox"/> Identificar letras <input type="checkbox"/> Recordar nomes <input type="checkbox"/> Recordar eventos <input type="checkbox"/> Estudar para os testes <p><u>Comportamento social</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Iniciar e manter amizades <input type="checkbox"/> Julgar situações sociais <input type="checkbox"/> Impulsividade <input type="checkbox"/> Tolerância à frustração
--	--	--	--

<input type="checkbox"/> Manipular objectos pequenos <input type="checkbox"/> Desenvolver aptidões de independência pessoal <input type="checkbox"/> Cortar <input type="checkbox"/> Estar atento ao que o rodeia (muito dado a acidentes/tropeça com frequência)	<input type="checkbox"/> Compreender ordens	<input type="checkbox"/> Recordar factos <input type="checkbox"/> Aprender conceitos matemáticos	<input type="checkbox"/> Interações <input type="checkbox"/> Aceitar mudanças nas rotinas diárias <input type="checkbox"/> Interpretar sinais não verbais <input type="checkbox"/> Trabalhar em cooperação
--	---	---	---

Nota: Esta lista de verificação pretende ser um guia para pais e profissionais. Não deverá ser utilizada isoladamente, mas poderá constituir uma via para que eles possam vir a considerar uma avaliação mais exaustiva. Todas as crianças exibem um ou mais destes comportamentos, de tempos a tempos, ao longo da sua infância pelo que se chama a atenção para o facto de que não se devem tirar ilações com base na aplicação desta lista por si só. Contudo, a exibição frequente de um grupo destes comportamentos pode ser considerada como um indicador para a procura de uma consulta, ou para a efectuação de observações ou avaliações posteriores.

Fonte: Ana Lúcia Andrade. Disponível em:
 <<http://psicopedagogaanalucia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Acesso em: 10 de
 Maio de 2018.

ANEXO D – Termo de Responsabilidade de Plágio.

**Sociedade de Ensino Superior Amadeus – SESA
Faculdade Amadeus - FAMA
Curso de Pedagogia**

**PESQUISA: DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR: implicações no processo de
aprendizagem das crianças**

Juliana Oliveira dos Santos

Orientadora: Prof^a. Dra. Alberlene Ribeiro de Oliveira.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, _____,
acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA,
orientada pela Prof. (a) _____ e Dr. (a) _____,
declaro para os devidos fins
que o Trabalho de Conclusão de Curso:

_____, atende às
normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento
para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem
e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, ____/ ____/ ____.

Assinatura da aluna concluinte